



COLÓQUIO INTERNACIONAL

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO:
OLHARES CONTEMPORÂNEOS ATRAVÉS
DA INVESTIGAÇÃO E DA PRÁTICA

21 > 23 JUNHO 2012
LISBOA > ISPA – INSTITUTO UNIVERSITÁRIO

Resumos

21 de Junho



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

ÁREAS TEMÁTICAS

- PSICOLOGIA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS ESCOLARES
- CONTEXTOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO
- EDUCAÇÃO DE ADULTOS
- MOTIVAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM
- FACTORES E PROCESSOS PSICOLÓGICOS INERENTES AO ENSINO E APRENDIZAGEM
- FAMÍLIA E EDUCAÇÃO
- CONTEXTOS EDUCATIVOS E QUALIDADE
- INTERCULTURALIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO
- MODELOS E PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO
- ENVOLVIMENTO PARENTAL
- RELAÇÃO ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE
- PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
- INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM COMUNIDADES
- INTERVENÇÃO PRECOZE
- ORIENTAÇÃO EDUCATIVA

INFORMAÇÕES

xiicoloquiopsicologiaeeducacao@ispa.pt

<http://eventos.ispa.pt/xiicoloquiopsicologiaeeducacao>

CONFERÊNCIA 1**Interações sociais e descoberta da linguagem escrita aos 5 anos**

Margarida Alves Martins, ISPA-Instituto Universitário

Resumo:

Muito antes de aprenderem formalmente a ler e a escrever as crianças interrogam-se e põem hipóteses conceptuais sobre a linguagem escrita. A partir dos trabalhos pioneiros de Ferreiro e Teberosky (1979), o estudo das características das escritas precoces das crianças, em diversas línguas, tem mostrado que as hipóteses que as crianças colocam acerca da forma como o código escrito funciona evolui de um nível inicial em que a escrita não é ainda determinada por critérios linguísticos até à escrita alfabética. O interesse científico pelas escritas inventadas tem vindo a aumentar na medida em que elas podem ser vistas como uma janela que permite olhar para as competências cognitivas e linguísticas implicadas nas aquisições precoces de literacia. A valorização destas escritas tem sido defendida por vários autores (Adams, 1998; Alves Martins & Silva 2006; McBride-Chang, 1998; Ouellette & Sénéchal, 2008, 2012; Treiman, 1998) que têm mostrado que levar as crianças a produzir escritas inventadas favorece o desenvolvimento da consciência fonémica e potencia a aquisição do princípio alfabético. Se a relação entre competências metalinguísticas e escritas inventadas está bem fundamentada na literatura, são menos claros os processos que permitem explicar a evolução destas escritas. Neste sentido, analisaremos os efeitos de diversos programas de escrita inventada na forma como crianças de 5 anos vão reformulando o seu pensamento acerca da linguagem escrita através da interacção com o adulto e com as escritas dos seus pares. Analisaremos igualmente o impacto destes programas na leitura e discutiremos as implicações educativas que advêm destes estudos.

SIMPÓSIO 1**Concepções e sentimentos na experiência de aprendizagem no ensino superior**

Coordenadora Luisa Grácio, Universidade de Évora

Resumo:

Existem diversos aspectos de variação na aprendizagem dos estudantes. Assim, por exemplo, as concepções de aprendizagem influenciam a forma como os estudantes a abordam, o nível de processamento cognitivo que usam e a compreensão e resultados que obtêm. Actualmente procura-se também investigar a forma como a componente afectiva do aprender se relaciona com os processos utilizados na aprendizagem.

O presente simpósio visa apresentar resultados de investigação fenomenográfica e qualitativa obtidos no domínio das concepções de aprendizagem e sentimentos de estudantes do ensino superior. No domínio das concepções de aprendizagem é ainda apresentada a adaptação e validação de um instrumento (COLI) de acesso às mesmas em estudantes de ensino superior por forma a poder avaliar a sua tipologia em estudantes portugueses do ensino superior.

Comunicação 1 - Concepções do papel e da utilidade da aprendizagem ao longo da escolaridade

Lúisa Grácio, Elisa Chaleta, Universidade de Évora; Pedro Rosário, Universidade do Minho

Resumo:

Está já demonstrada a existência de uma variação no que respeita às concepções, processos e resultados de aprendizagem dos estudantes (e.g., Booth & Anderberg, 2005, Marton, Dall'Alba & Beaty, 1993; Grácio 2002; Marton & Säljö, 1997,; Richardson, 1994, 2005; Grácio, Chaleta & Rosário, 2007). Foi estabelecido que as concepções de aprendizagem influenciam a forma como os estudantes abordam a aprendizagem, o nível de processamento cognitivo que usam e a compreensão e resultados que obtêm (e.g., Entwistle, 2009).

Na medida em que a conceptualização de algo se liga usualmente à percepção da sua função, propomos-nos explorar uma faceta particular das concepções sobre a aprendizagem, i.e., a percepção da sua funcionalidade por forma a compará-la com a concepção global da aprendizagem.

O estudo realizado centra-se na perspectiva dos alunos sobre a aprendizagem enquadrando-se numa abordagem fenomenográfica e descreve as diferentes formas como estudantes do 9.º ano do ensino básico, do 12.º ano do ensino secundário e 4.º ano de cursos de licenciatura da Universidade conceptualizam e experienciam a função da aprendizagem.

Os dados foram obtidos através de entrevistas semi-directivas e analisados através de procedimentos qualitativos e quantitativos. Os principais resultados reportam-se ao mapeamento das concepções sobre a funcionalidade da aprendizagem e à sua relação com o ano de escolaridade e grau de ensino frequentado.

Na totalidade da amostra destacam-se como funções do aprender a realização pessoal e definição de estratégias de vida, o desenvolvimento pessoal e social e a conquista de saber. São discutidas implicações destes dados para a promoção da aprendizagem e do ensino.

Comunicação 2 - Inventário de concepções de aprendizagem (coli) – Adaptação e validação para a população estudantil portuguesa

Elisa Chaleta, Luisa Grácio, Universidade de Évora; Glória Ramalho, ISPA-IU; João Silva & Nicole Rebelo, CIEP/EU

Resumo:

Existem diferenças entre os estudantes no que se refere à forma como conceptualizam o aprender. As diferentes concepções de aprendizagem são classificadas em dois grandes grupos (e.g., Marton, Dall’Alba & Beaty, 1993; Marton & Saljo, 1976a, 1976b; 1997;). Um primeiro sobre concepções superficiais de aprendizagem que engloba três concepções tendo em comum uma visão de conhecimento como algo externo, enfatizando o armazenamento e a reprodução de informação e implicando um baixo nível de processamento cognitivo. Um segundo grupo é relativo às concepções profundas ou transformativas de aprendizagem enfatizando a atribuição de significado e a transformação da informação e indicando um processamento cognitivo complexo.

As concepções de aprendizagem influenciam a forma como os alunos abordam a aprendizagem e a qualidade dos resultados desta, encontrando-se já estabelecida uma ligação entre as concepções de aprendizagem, as abordagens, o nível de processamento usado e a compreensão alcançada (e.g., Entwistle, 2009; Marton et al. 1993).

Os resultados da investigação neste campo foram obtidos através da utilização de metodologias qualitativas principalmente numa perspectiva fenomenográfica (e.g., Grácio 2002; Marton & Pong, 2005; Rosário et al., 2007). Contudo, em 2002, Purdie e Hattie apresentaram um questionário para avaliar as concepções de aprendizagem dos alunos (COLI – Inventário de Concepções de Aprendizagem). Esta comunicação apresenta a adaptação e a validação do COLI para a população do ensino superior português, com uma amostra de 872 alunos.

Comunicação 3 -Sentimentos na experiência de aprendizagem em estudantes do ensino superior

Elisa Chaleta*, Luisa Grácio*, Fátima Leal*, Bravo Nico*; *Universidade de Évora/CIEP

Resumo:

A investigação explora, actualmente, uma dimensão que embora considerada importante nos processos de aprendizagem sempre permaneceu na sua penumbra. O estudo da intrincada relação entre a cognição, as emoções e os sentimentos permite uma compreensão mais profunda de como se manifesta esta dinâmica nos contextos de aprendizagem formal, em particular no ensino superior (Efklides 2009, Pekrun, 2008).

Sabendo-se que os sentimentos dos estudantes têm impacto sobre os seus processos cognitivos (LeDoux, 1996; Chaleta, 2003) procurámos identificar quais os sentimentos que se encontram presentes nos processos de estudo e de aprendizagem em estudantes que frequentam cursos de Ciências Sociais e de Ciências e Tecnologia. A recolha de dados foi realizada através de questionários abertos, construídos de raiz e administrados a 520 estudantes do Ensino Superior.

Metade destes estudantes (n= 260) pertenciam a cursos de Ciências Sociais e outra metade (n=260) a cursos de Ciências e Tecnologia. Em cada uma destas áreas científicas 50% dos alunos frequentavam o 1º ano e os outros 50% o 3º ano.

A partir da análise de conteúdo verificámos que nos anos iniciais os estudantes referiam sentimentos mais negativos (desespero, desânimo, insegurança, falta de confiança em si próprio e medo de falhar) enquanto nos últimos anos dos cursos referiam sentimentos mais positivos (satisfação, prazer, motivação e realização pessoal, esta última muito relacionada com a perspectiva de finalização do curso).

MESA 1

Factores e processos psicológicos inerentes ao ensino e aprendizagem

Comunicação 1 - Uma memória fiel ou infiel ao estudo? Testagem de condições de codificação e recuperação da informação: Idade e efeitos da distintividade da informação.

Marta Gomes, ISPA-Instituto Universitário; Leonel Garcia-Marques, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Resumo:

Incluem-se 3 estudos empíricos nos quais se tenta explicar as diferenças na capacidade para resistir à formação de falsas memórias através do uso de imagens. Usou-se o paradigma DRM adaptado para imagens e para crianças (7/8 anos), pré-adolescentes (11/12 anos) e adolescentes (14/15 anos), recorrendo à apresentação de listas de palavras semanticamente associadas e convergentes para palavras críticas não apresentadas. As listas foram apresentadas apenas auditivamente ou com imagens correspondentes (estudo 1) tendo-se registado uma diminuição da falsa recordação e falso reconhecimento na condição com imagens. Subsequentemente, manipulou-se a condição de codificação (Imagens vs. Palavras) numa versão intra-participantes (estudo 2) tendo-se observado que, ao diminuir a proporção de listas apresentadas com imagens para metade, sendo a outra metade apresentada auditivamente, as imagens não suprimiram o falso reconhecimento. Complementarmente, as instruções do teste de reconhecimento foram também manipuladas (estudo 3) e observou-se que a diferença no nível de falso reconhecimento entre a codificação com imagens e sem imagens foi atenuada quando as instruções de recuperação não encorajavam o uso de informação distintiva. Os resultados providenciam indicadores plausíveis da utilização da heurística da distintividade nas crianças e restantes níveis etários (testada inicialmente em adultos), i.e. que o estudo de palavras acompanhadas por imagens fornece uma estratégia de recuperação, uma base para

inferir a partir da ausência de uma memória da imagem, que uma palavra (crítica) apesar de estar fortemente activada na memória (ex. porta), é ‘nova’ e não foi realmente apresentada (apenas foi associada internamente a outras palavras apresentadas como chave).

Comunicação 2 – A contribuição da transcrição e da autorregulação para a qualidade da geração de texto ao longo do ensino básico

Teresa Limpo - Universidade do Porto, FPCE; Rui A. Alves - Universidade do Porto, FPCE

Resumo:

O desenvolvimento da escrita parece depender da articulação entre processos básicos de transcrição e processos superiores de autorregulação (Berninger & Amtmann, 2003). O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre transcrição (fluência manuscrita e ortografia), autorregulação (planeamento, revisão e autoeficácia) e qualidade da geração de texto (escrita de textos narrativos e expositivos) ao longo do ensino básico. Para isso, um modelo estrutural com efeitos diretos da transcrição e da autorregulação na geração de texto, e da transcrição na autorregulação foi testado em dois grupos de alunos (4º ao 6º ano, N = 171, vs. 7º ao 9º ano, N = 205). Uma análise multigrupos de equações estruturais indicou um ajustamento adequado dos dados a ambos os grupos. Todavia, enquanto o efeito da transcrição na geração de texto e na autorregulação foi idêntico nos dois grupos, o efeito da autorregulação na geração de texto só se verificou nos alunos mais velhos. Estes resultados sugerem que a transcrição continua a ser importante para a qualidade da escrita para além dos primeiros anos de escolaridade. Quanto mais automatizados estiverem estes processos, melhor a qualidade dos textos e mais recursos cognitivos estão disponíveis para os processos de autorregulação. Estes últimos parecem exercer a sua influência na qualidade da escrita apenas no 3º ciclo. Este estudo reforça a ideia de que o ensino da escrita deve promover, articuladamente, a automatização da transcrição e a utilização de processos de autorregulação.

Comunicação 3 – O modelo Self-Regulated Strategy Development no ensino da escrita do ensaio de opinião

Carla Sousa*, Miriam Inácio*, Maria Prata*, Sara Ferreira*, Maria Isabel Festas*, Albertina Lima de Oliveira*

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Resumo:

A escrita não é apenas um preditor do sucesso académico mas, cada vez mais, um requisito básico para a participação na vida em sociedade. Ensinar a escrever bem é uma tarefa do sistema educativo, contudo muitos alunos saem da escola sem terem adquirido bem esta competência. O projeto “Ensino de Estratégias de Escrita” (FCT - PTDC/CPE-CED/102010/2008), que decorreu em seis escolas públicas do concelho de Coimbra, tinha como principais objetivos melhorar as competências de escrita e sua instrução, usando práticas baseadas em evidência, e promover o sucesso escolar dos alunos portugueses.

Para o efeito, seguindo o modelo Self-Regulated Strategy Development (Harris, et al, 2008), desenvolvemos um programa de ensino de estratégias de planificação de um ensaio de opinião com vista a verificar os resultados da sua instrução no desempenho da escrita. Para a execução deste estudo usou-se uma metodologia quase-experimental de pré e pós-teste, com grupo de controlo. A amostra é composta por 507 alunos do 8º ano, envolvendo ainda 15 professores. O programa de intervenção decorreu ao longo de 4 meses, nas aulas de Língua Portuguesa e cada sessão semanal teve a duração de 45 minutos, sendo da responsabilidade dos professores da disciplina. De forma a assegurar a estandardização dos procedimentos e atividades no grupo experimental, os professores participaram em sessões de formação e acompanhamento durante todo o processo de intervenção. Os primeiros resultados indicam diferenças significativas entre os dois grupos. Os resultados de todos os procedimentos de avaliação revelam que o grupo experimental tem pontuações superiores.

MESA 2

Psicologia do Ensino e da Aprendizagem – Matemática

Comunicação 1 – Ensino de Matemática e inclusão: Concepções de professores da Educação Básica de escolas públicas da região do Minho

Geraldo Eustáquio Moreira, PUCSP, Brasil

Ana Lúcia Manrique, PUCSP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, Brasil.

Resumo:

Considerando a quase inexistência de estudos focalizando o cotidiano da aula de Matemática para alunos com necessidades educativas especiais (NEE), buscamos realizar entrevistas com professores da área, que atuam na Educação Básica na região do Minho, Portugal. O presente estudo teve como objetivos investigar como esses professores que ensinam Matemática, entendem o conceito de NEE e, ainda, verificar que percentual desses professores, teve alguma formação pedagógica ou continuada para atuar com alunos especiais. Além disso, foram levantadas questões referentes à atuação pedagógica dos docentes em relação aos alunos com NEE presentes em suas classes. Foi utilizado um inventário para a coleta dos dados e

os resultados preliminares foram semelhantes aos resultados encontrados na pesquisa realizada no Brasil: que os participantes conseguem caracterizar o tipo de NEE de seus alunos, contudo alguns não sabem identificar a deficiência de um aluno que não conheçam; alguns acham benéfica a inclusão do aluno com NEE em classes regulares, enquanto outros se sentem pouco à vontade com a presença desses alunos em suas classes, entre outros resultados.

Comunicação 2 – Promoção da competência matemática pré-escolar – resultados de um programa de intervenção.

Isabel Abreu Lima*, Vera Coelho*, Catarina Lobo*, Cátia Castro*, Vanda Gomes*, Ana Filipa Monteiro*

* Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto

Resumo:

A necessidade de promover a competência matemática das crianças portuguesas é confirmada pelos resultados de estudos comparativos internacionais, como o PISA. O conhecimento matemático é um domínio essencial do desenvolvimento cognitivo e os estudos recentes revelam que as crianças têm desde muito precocemente capacidades, oportunidades e motivos para adquirir conhecimentos matemáticos espontâneos (Ginsburg, Lee & Boyd, 2008). É também sabido que desde cedo existem diferenças nos conhecimentos matemáticos das crianças, e que estes apresentam bastante estabilidade ao longo do tempo. Por outro lado, bons resultados em matemática nos primeiros anos da escolaridade aparentam ser os melhores preditores do sucesso escolar futuro. Este estudo apresenta o programa “Brincando com a Matemática”, seus pressupostos e conteúdos, e os resultados da sua implementação ao longo de um ano lectivo com crianças de 4 anos. Participaram no estudo 73 crianças distribuídas por dois grupos, controlo e experimental, tendo ambos os grupos sido avaliados no pré e pós-teste, com recurso a um teste de conhecimentos numéricos, o TEMA 3 (Ginsburg & Baroody, 2003). Os resultados evidenciam a existência de diferenças nos conhecimentos numéricos nos dois grupos de crianças, após a intervenção, tendo as crianças do grupo experimental apresentado resultados significativamente superiores. Nas conclusões salienta-se a relevância de um trabalho pré-escolar sistemático e estruturado que permita o desenvolvimento de competências, e que simultaneamente promova nas crianças uma atitude positiva face à matemática.

Comunicação 3 – Evaluación de la enseñanza de tablas de contingencia a estudiantes de psicología

Gustavo R. Cañadas de la Fuente, Universidad de Granada,

Carolina Carvalho, Universidade de Lisboa

Resumo:

En la actualidad encontramos numerosas herramientas didácticas en Internet, sin embargo su utilidad potencial depende de los conocimientos que proporcionan y su uso por parte del profesor. En este trabajo, se describe un curso desarrollado con su evaluación para la enseñanza de las tablas de contingencia y los conceptos y procedimientos relacionados, en particular la asociación y la independencia, la prueba Chi cuadrado y algunos coeficientes de asociación. Este curso ha sido experimentado en una asignatura del primer año de la licenciatura de Psicología de España, con la colaboración de 93 alumnos pertenecientes de dos grupos. Nuestros objetivos son por una parte la elaboración de materiales didácticos para la enseñanza de las tablas de contingencia, el cual fue de utilidad para el desarrollo del curso impartido, y por otro lado evaluar las dificultades del aprendizaje mediante un cuestionario construido para este fin. En este trabajo se utilizan nociones teóricas relacionadas con el Enfoque Ontosemiótico (EOS) desarrollado por Godino y su equipo de colaboradores, como son los análisis de las condiciones de idoneidad didáctica, como la articulación de los seis componentes: epistémica, cognitiva, interaccional, mediacional, emocional y ecológica. En este trabajo se presentan los resultados del cuestionario con ítems de opción múltiple, encontrándose dificultades en: interpretar el estadístico y el valor p; la posible igualdad de frecuencias esperadas en caso asociación; ó la igualdad de frecuencias relativas condicionales entre sí o con las marginales. Estos resultados nos llevan a reflexionar sobre la enseñanza de este tema.

MESA 3

Psicologia do Ensino e da Aprendizagem – Avaliação

Comunicação 1 – Os momentos formais de avaliação no 1º ciclo: um contributo para a aprendizagem?

Jorge Pinto, Escola Superior de Educação do IP Setúbal

Resumo:

Os normativos sobre avaliação no Ensino Básico reconhecem a avaliação formativa como uma modalidade importante no ensino e aprendizagem. Contudo, vários estudos mostram que ainda estamos longe do uso dessas práticas. É hoje uma prática generalizada realização de fichas de avaliação formais no final de cada trimestre, no 1º ciclo do ensino Básico. Os argumentos para esta prática são diversos, mas um deles enquadra-se com uma perspetiva formativa: fazer o ponto de situação sobre as aprendizagens dos alunos de modo a identificar eventuais dificuldades e através intervir pedagogicamente para ajudar os alunos a superar as suas dificuldades. Contudo, há ainda poucos estudos que permitam perceber realmente o efeito deste tipo de avaliação e o seu contributo para a aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo perceber se e como é que a informação sobre o aluno recolhida no 1º momento de avaliação foi utilizada e como,

para ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades. Através de uma metodologia de estudo de caso procura-se perceber se houve evolução ou não, dos alunos referidos através da análise dos discursos dos professores entre o 1º e o 2º momento formal de avaliação bem como as razões invocadas para esse facto.

Comunicação 2 – Avaliação autêntica em educação pré-escolar

Gabriela Portugal, Departamento de Educação, Universidade de Aveiro

Resumo:

O que é que se sabe sobre a realidade das práticas de avaliação em educação pré-escolar, em Portugal? Apesar do seu enquadramento normativo, verifica-se uma grande heterogeneidade no pensamento e nas práticas de avaliação. À avaliação aponta-se a sua complexidade e subjetividade e invoca-se, frequentemente, a falta de tempo, de recursos e, muitas vezes, desconhecimento na utilização de procedimentos adequados de observação, registo e avaliação, quer dos processos, quer dos efeitos, para justificar a sua secundarização nas práticas pedagógicas pré-escolares. A recolha de diferentes instrumentos de avaliação utilizados e partilhados entre a comunidade de educadores, evidencia uma profusão de procedimentos estandardizados, na sua maioria consubstanciados em checklists de capacidades isoladas e atomizadas, procurando a objetividade da medida. Ressalta, assim, uma abordagem bem distanciada da ideia “not everything that counts can be counted and not everything that can be counted, counts” (Einstein), ou seja, bem distanciada de uma avaliação “autêntica” e útil (Bagnato, 2005, 2007). Que práticas avaliativas alternativas em educação de infância são desejáveis e/ou recomendadas pela literatura da especialidade? Nesta apresentação, para além de se pretender abordar estas questões, pretende-se apresentar e enquadrar conceptualmente uma abordagem avaliativa denominada de Sistema de Acompanhamento das Crianças (Portugal & Laevers, 2010) que oferece possibilidades de avaliação alternativa e/ou “autêntica”, respondendo plenamente às orientações oficiais e aos atuais consensos científicos sobre avaliação e qualidade educativa.

Comunicação 3 – Avaliação Escolar e Inclusão

José Morgado, ISPA- Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

Os procedimentos e dispositivos de avaliação escolar traduzem sempre uma concepção de educação e uma concepção do processo de ensino aprendizagem.

Neste contexto, a defesa e promoção de um princípio político e prático de educação inclusiva, capaz de acolher a diferença e diversidade entre os alunos exige metodologias de diferenciação pedagógica que, naturalmente, contemplem, metodologias e dispositivos de avaliação também eles diferenciados.

Nesta comunicação questiona-se o impacto que, no desenvolvimento de modelos de educação inclusiva, pode ter o quadro normativo e as orientações estabelecidas sobre avaliação escolar e os seus efeitos, designadamente, o estabelecimento de exames nacionais nos primeiros ciclos, com peso na progressão dos alunos, sublinhando a excessiva centração em dimensões sumativas e normativas nos processos de avaliação escolar desenvolvidos, questões reconhecidas no Relatório da OCDE "Reviews of Evaluation and Assessment in Education" de 2012.

MESA 4

Qualidade no Ensino Superior

Comunicação 1 – Boas práticas pedagógicas no ensino superior

Isabel Gonçalves, Instituto Superior Técnico

Resumo:

O período do pós-Processo de Bolonha conduziu a uma reflexão profunda no âmbito dos processos de Garantia da Qualidade interna no ensino superior português. Neste contexto, o IST desenvolveu nos últimos anos um Sistema Integrado de Qualidade (SIQuIST), que, entre outros, pretende adotar as melhores práticas europeias no âmbito da qualidade do ensino. O primeiro passo consistiu no desenvolvimento do sistema de garantia da Qualidade das Unidades Curriculares (QUC), e o seguinte na identificação, descrição e categorização das boas práticas pedagógicas dos docentes do IST de acordo com o descrito pelos autores Chickering & Gamson (1987) e Biggs & Tang (2003). As etapas seguintes permitiram testar e identificar melhores práticas pedagógicas através da aplicação de inquéritos aos Docentes Excelentes do IST que permitiram a identificação de 6 perfis de docência, bem como das melhores práticas pedagógicas utilizadas nos diferentes tipos de unidades curriculares. Posteriormente foram realizadas entrevistas exploratórias aos Docentes Excelentes, que permitiram aprofundar e descrever os processos e práticas pedagógicas utilizadas por estes; foi ainda realizada uma análise exaustiva às páginas on-line das unidades curriculares, que permitiu incluir a visão dos alunos sobre a qualidade dos recursos pedagógicos disponibilizados. O trabalho desenvolvido constitui-se como um referencial técnico às boas práticas pedagógicas dos docentes do IST, tendo sido sucedido pela publicação na página on-line do Conselho Pedagógico – QUC do vídeo das Boas Práticas Pedagógicas aos docentes excelentes, e da realização das Jornadas Pedagógicas dedicadas ao tema.

Comunicação 2 – A qualidade das aprendizagens no ensino superior: O espaço do pensamento crítico

Amanda Franco*, Leandro S. Almeida*, Sílvia F. Rivas*, Carlos Saiz**

* I. E., Universidade do Minho, **Universidade de Salamanca

Resumo:

O panorama atual pauta-se pela inconstância, observável através da transformação célere das necessidades sociais e económicas, da desatualização rápida da formação recebida e da produção contínua de informação. Em consonância, espera-se que os alunos desenvolvam estratégias ativas de aprendizagem, que lhes permitam ter sucesso na escola e, futuramente, êxito no mercado de trabalho. Num contexto socioeconómico continuamente inconstante, onde é a diversidade de recursos que permite uma adaptação bem-sucedida na escolaridade e o sucesso no exercício de funções na vida profissional, nunca parece ter sido tão pertinente discutir o impacto destas mudanças no indivíduo e nas instituições, logo, os actuais desafios colocados ao Ensino Superior. Há um conjunto de competências que parece ser crítico para favorecer a qualidade das aprendizagens, e amenizar o hiato entre o ingresso no Ensino Superior, as aptidões exigidas, as dificuldades sentidas, e a transição para o mercado de trabalho. A presente comunicação aborda a relevância do “Pensamento Crítico”: uma forma superior (ou pelo menos uma forma sistemática) de pensar e uma base para a tomada de decisão refletida na resolução, assumidamente mais eficaz, dos problemas quotidianos. Mediante uma revisão da literatura, apresenta-se uma conceitualização teórica deste construto, principais perspetivas em que tem vindo a ser desenvolvido pela comunidade científica, formatos de avaliação, sua pertinência para a prática e na investigação e, finalmente, sugestões futuras para valorização do mesmo no Ensino Superior. Conclui-se descrevendo os resultados de um estudo realizado com alunos das Universidades do Minho, de Coimbra e de Salamanca, que pretendia analisar a qualidade do pensamento crítico destes alunos e seu impacto no quotidiano dos mesmos.

Comunicação 3 – Educar para o optimismo no ensino superior

Sofia Barreiros Macedo Faria, ESE Jean Piaget/Almada

Resumo:

Esta comunicação centra-se na educação para o otimismo no Ensino Superior. Os estudos sobre psicologia positiva têm-se centrado nas experiências positivas subjetivas, nos traços individuais e no efeito das instituições de ensino sobre estes aspetos. Nestes trabalhos o otimismo surge como um traço positivo do indivíduo. O presente estudo, que teve como objetivo compreender como as instituições de ensino superior influenciam esses traços individuais, envolveu alunos dos cursos educação de infância e professores do 1ºciclo, e decorreu durante os quatro anos de cada curso. Numa primeira fase foi aplicada a escala ELOT a 680 alunos, no início e final de cada ano, com o objetivo de analisar os níveis de otimismo/pessimismo. Numa segunda fase, foram entrevistados os cinco alunos mais otimistas e os cinco mais pessimistas de cada ano, no início e final do ano letivo, com o objetivo de relacionar o fator pessoal com o contexto educacional e compreender quais os factores que poderão promover o desenvolvimento do otimismo na formação. Verificou-se que os níveis de otimismo/pessimismo no curso de educação de infância apresentaram uma quebra a partir do 2º ano, ao contrário do curso de PEB 1ºciclo, que apresentou valores semelhantes entre os 4 anos. Concluiu-se que os alunos valorizam a questões relacionais e afectivas na relação pedagógica, o que nos abre portas para repensarmos a formação inicial de forma a promover uma educação para o otimismo. Com base nestes resultados encontramos-nos a elaborar um programa de promoção do otimismo, esperança e bem-estar para alunos do ensino superior.

MESA 5

Educação e Diversidade

Comunicação 1 – Representações sociais dos professores sobre homossexualidade e adoção

Maria Maceiras*, Cristiana Carvalho** Rosana Patané***

*ESSCVP, **Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, *** Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Resumo:

A adoção de crianças por casais homossexuais é um tema controverso, surgindo opiniões divergentes e que se refletem na Educação Sexual promovida pelos professores nas escolas. O estudo tem como objetivo analisar as perceções dos professores em relação à homossexualidade e à adoção por parte de casais homossexuais. Recorreu-se à análise qualitativa, baseada na técnica de focus group (Denzin & Lincoln, 2006) e de evocações livres (Spink, 2008). A amostra é constituída por 113 professores a lecionar do pré-escolar ao ensino secundário, a frequentar formação contínua em Educação Sexual, de janeiro a junho de 2011. Verificamos que as opiniões favoráveis ou desfavoráveis face à adoção de crianças por homossexuais baseiam-se nas explicações dadas à homossexualidade. Embora alguns sujeitos da amostra revelassem resistência à adoção, mas aceitam a existência de relações homossexuais. Os professores que revelaram atitudes positivas face ao casamento homossexual foram aqueles que são mais favoráveis à adoção. Os resultados do nosso estudo sugerem-nos ser importante que os programas de formação em Educação Sexual integrem a análise das crenças, mitos e preconceitos dos professores, revelando-se essenciais para as suas práticas e que promovam os direitos sexuais.

Comunicação 2 –Lésbicas e gay’s: Um mapeamento sistemático da literatura

Mónica Sousa*, Ana Garrett**,

* ISCTE-IUL, **CIS-IUL, Departamento de Psicologia do Hospital Rovisco Pais, Tocha.

Resumo:

Este trabalho procura apresentar uma revisão sistemática da literatura e da investigação realizada com a população lésbica e gay nos últimos 10 anos. Através de uma pesquisa na base de dados Pubmed (Medline) referente a publicações entre o ano de 2001 e 2011, foram encontrados 404 artigos. Consequentemente, de entre estes artigos, realizou-se uma análise de mapeamento sistemático dos estudos empíricos (n=314). À luz da literatura internacional consultada, foram discutidas as principais lacunas existentes, onde se encontram visíveis entraves teóricos e/ou metodológicos. A análise dessas lacunas permitiu constatar que questões como as deficiências físicas ou sensoriais (Duke, 2011), as disfunções sexuais (Kuyper & Vanwesenbeeck, 2011) e até a avaliação e integração da própria orientação sexual na história sexual dos envolvidos (Robert, 2010), têm sido negligenciadas. No âmbito da saúde verificou-se, ainda, que muitos autores continuam a apontar a escassez de competências específicas por parte dos profissionais de saúde no que toca à homossexualidade, o que reforça a necessidade da formação destes (Moleiro & Pinto, 2009), de modo a promover o bem-estar e a qualidade de vida desta população-alvo (WHO, 2011). No campo da educação, os resultados destacaram a desinformação e a discriminação ainda vigente, o que resulta na transmissão de informação incorrecta, preconceituosa e estereotipada, assim como um ambiente negativo para o quotidiano das pessoas lésbicas e gay’s (Chesir-Teran & Hughes, 2009).

Comunicação 3 – Representações sociais dos professores sobre sexualidade e género

Maria Maceiras, Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa Lisboa

Cristiana Carvalho, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Rosana Patané, Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Resumo:

As representações, são formas de conhecimento e de comunicação que influencia as práticas sociais, de acordo com a Teoria das Representações Sociais (TRS), destacadas por Moscovici (2008), Jodelet (1986). Este estudo teve como objetivo analisar as representações sociais dos professores sobre sexualidade e género. Para isso recorreu-se à análise qualitativa, baseada na técnica de focus group (Vilelas, 2009). A amostra é constituída por 22 professores do pré-escolar e do ensino básico da região centro do país, que frequentaram a Oficina de formação “Educação Sexual em Meio Escolar: metodologias de abordagem/intervenção” (50 horas), a recolha de dados realizou-se entre Dezembro de 2011 e Janeiro de 2012. Verificamos a existência de desconforto e dificuldades na abordagem destes temas, estando por base representações redutoras de sexualidade e educação sexual, desconhecimento dos conceitos de sexo e género e, do impacto do mesmo na vivência da sexualidade. Foram reveladoras dificuldades metodológicas e de abordagem face aos diferentes públicos-alvo nestas áreas. Identificadas crenças e mitos relativos aos comportamentos sexuais na adolescência, assim como, a manutenção, por grande parte dos professores, de estereótipos de género em virtude das características socialmente atribuídas aos homens e às mulheres, no domínio das opiniões e vivências pessoais. Tendo em conta os resultados dos dados do nosso estudo, consideramos relevante a construção de um cenário formativo e reflexivo das representações, dos valores e das atitudes dos professores face à sexualidade, género e cidadania, enquanto atores principais para a implementação de programas de Educação Sexual e atividades didáticas nesta matéria.

CONFERÊNCIA 2

Achievement Emotions: Functions, Origins, and Educational Practices

Reinhard Pekrun, University of Munich

Resumo:

Emotions are ubiquitous in academic achievement settings. Students frequently experience emotions such as enjoyment, hope, pride, anger, anxiety, shame, hopelessness, and boredom in these settings. Despite the relevance of achievement emotions for students’ learning, performance, and well-being, they have not received much attention by empirical research, test anxiety studies and attributional research being notable exceptions. During the past ten years, however, there has been growing recognition that emotions are central to students’ learning and achievement. In this presentation, I will provide a state of the art overview of this nascent field of research. Using Pekrun’s (2006) control-value theory of achievement emotions as a conceptual framework, the presentation will focus on the following issues. (1) Which emotions are experienced in academic achievement settings, and how can they be measured? (2) Are achievement emotions functionally important for students’ learning and achievement? Test anxiety research has shown that anxiety can exert profound effects on performance; is this true for other achievement emotions as well? (3) How can we explain the development of these emotions, what are their individual and social origins? To provide answers, the emotional implications of cognitive

appraisals, achievement goals, and educational environments will be discussed. (4) Are achievement emotions and their functions universal, or do they differ between content domains, genders, and cultures? (5) How can achievement emotions be regulated and treated, and what are the implications for educational practices in the classroom? In closing, open research problems will be addressed, including the need for neuroscientific research and intervention studies targeting achievement emotions.

SIMPÓSIO 2

Práticas educativas e desenvolvimento da linguagem escrita em fases iniciais de aprendizagem

Coordenadora – Margarida Alves Martins, ISPA-IU, UIPCDE

Resumo:

A qualidade das práticas educativas desempenha um papel primordial na aquisição de conhecimentos e representações sobre a linguagem escrita. O estudo das práticas desenvolvidas sobre linguagem escrita, quer com crianças em idade pré-escolar, quer com crianças em início de escolaridade e o seu impacto nos processos de aquisição da escrita e da leitura são fundamentais para o sucesso no processo de alfabetização e para a prevenção de dificuldades de aprendizagem. O objectivo deste simpósio é o de apresentar diversos estudos empíricos que analisam vários programas de intervenção, sobre consciência fonológica e sobre escritas inventadas, no sentido de perceber alguns factores psico-sociais e linguísticos que podem influenciar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita antes do ensino formal. É igualmente o de apresentar os resultados de um estudo sobre práticas de ensino da leitura e da escrita desenvolvidas por professores do 1º ciclo.

Comunicação 1 - Didática experimental e aquisição da linguagem escrita

Miguel Mata Pereira* Jacques Fijalkow**, Margarida Alves Martins***

*UIPCDE, **Université Toulouse-le-Mirail, *** ISPA_IU, UIPCDE

Resumo:

A aquisição da linguagem escrita tem sido entendida como um processo psicogenético, durante o qual as crianças vão colocando ativamente hipóteses sobre a natureza da relação entre a escrita e a oralidade (Alves Martins, 1994). Porém, os fatores contextuais deverão também ser considerados (Fijalkow, Cussac-Pomel, & Hannouz, 2009). Neste estudo, colocamos como hipótese geral que o contexto didático influencia o desenvolvimento da escrita. Participaram 36 crianças portuguesas que frequentavam o jardim-de-infância. O seu nível de inteligência, consciência fonológica e conhecimento das letras foi controlado. Os participantes foram distribuídos por três grupos: experimental, comparação e controlo. Utilizamos uma prova de escrita inventada para avaliar o seu nível de escrita no pré-, pós-teste e pós-teste diferido. Entre o pré- e pós-teste as crianças do grupo experimental participaram num programa de intervenção didática experimental destinado a melhorar a sua consciência silábica; as crianças do grupo de comparação participaram numa intervenção didática destinada a reproduzir práticas pedagógicas habituais; as crianças do grupo de controlo permaneceram nas salas de aula. Os resultados obtidos no pós-teste mostram que as crianças do grupo experimental produzem escritas de nível mais evoluído do que as crianças dos outros grupos, nomeadamente escritas silábicas e fonémicas. Este padrão de resultados repete-se também no pós-teste diferido. A intervenção didática realizada no grupo experimental influenciou o tipo de produção escrita das crianças e este efeito foi sustentável no tempo. O contexto didático e a natureza das tarefas que as crianças realizam são suscetíveis de contribuir significativamente para a aquisição e desenvolvimento da escrita.

Comunicação 2 - Acesso ao princípio alfabético no pré-escolar: efeitos de dois programas de escrita inventada na fonetização da escrita

Inês Vasconcelos Horta, ISEC, UIPCDE, Margarida Alves Martins, ISPA- IU, UIPCDE

Resumo:

Este estudo pretende compreender os efeitos de dois programas de escrita inventada no desenvolvimento das escritas inventadas, concretamente até à sua fonetização, e pretende compreender as correlações entre consciência fonológica e conhecimento das letras e os procedimentos de fonetização. Os 56 participantes foram divididos em dois grupos experimentais e um grupo de controlo. Nos pré e pós-testes as escritas das crianças foram avaliadas através de pseudopalavras que continham as fricativas e as oclusivas trabalhadas durante os programas, tal como outros fonemas não trabalhados, todos em posição inicial e final. Entre os dois momentos, G1 trabalhou as correspondências grafo-fonológicas das fricativas e G2 das oclusivas. Os resultados mostram que os participantes de ambos os grupos experimentais progrediram mais do que os do grupo de controlo, sem diferenças significativas entre os grupos experimentais. Nestes grupos, os participantes fonetizaram correctamente os fonemas trabalhados e não trabalhados em posição inicial e final. Em G1 verificaram-se diferenças significativas, com melhores resultados na fonetização das fricativas em posição inicial do que em posição final. Os resultados indicaram também a existência de uma correlação significativa entre o número de letras conhecidas no pré-teste e o número de fonetizações no pós-teste. Já para a consciência fonológica, não se encontrou uma correlação significativa com o número de fonetizações no pós-teste.

Comunicação 3 – Análise qualitativa dos efeitos de um programa de intervenção de escrita inventada na evolução da escrita de crianças em idade pré-escolar

Ana Albuquerque*, Liliana Salvador, Margarida Alves Martins**

*UIPCDE, **ISPA- IU, UIPCDE

Resumo:

A partir dos trabalhos pioneiros de Ferreiro e Teberosky (1979), diversas investigações têm estudado a evolução da escrita inventada de crianças em idade-pré-escolar. Ao produzirem escritas inventadas, as crianças reflectem sobre as letras e os sons que lhes correspondem, desenvolvendo competências fundamentais à compreensão da linguagem escrita, como a consciência fonológica e o conhecimento das letras. Diversos estudos sobre programas de intervenção de escrita demonstraram que a promoção de escritas inventadas contribui para a evolução da escrita de crianças antes da aprendizagem formal (Alves Martins & Silva, 2008; Ouelette & Sénéchal, 2008). Este estudo enquadra-se numa investigação experimental mais vasta realizada com 120 crianças em idade pré-escolar, com o intuito de explorar o impacto de um programa de intervenção de escrita na evolução das suas escritas inventadas. O trabalho aqui apresentado consiste numa análise qualitativa da evolução da escrita de 12 destas crianças ao longo da intervenção. Foram exploradas a qualidade das escritas, os progressos na escrita de letras correctas e os percursos individuais das crianças ao longo das sessões do programa. Constatou-se que a evolução da escrita não é linear: existe heterogeneidade e irregularidade nos percursos individuais de escrita. Observou-se que pontos de partida semelhantes não conduzem necessariamente a pontos de chegada idênticos e que o ritmo de aprendizagem é variável. Verificou-se que a evolução pode ser mais regular ou menos consistente e que as estratégias a que as crianças recorrem são variáveis, podendo escrever de modos diferentes as palavras, centrar-se mais nas vogais ou nas consoantes.

Comunicação 4 – Práticas de ensino da leitura e da escrita no 1º ano de escolaridade

Sérgio Gaitas*, Margarida Alves Martins**

*UIPCDE, **ISAPA-IU, UIPCDE

Resumo:

A investigação sobre o ensino da linguagem escrita tem descrito o debate e a controvérsia sobre a melhor forma de iniciar os alunos neste processo complexo. Este debate tem como principais intervenientes os defensores do método sintético, que defendem a importância do domínio do código da linguagem escrita – as letras têm sons que se combinam para formar palavras de forma mecânica e previsível, e os defensores do método global, que postulam a importância dos alunos perceberem a funcionalidade da linguagem escrita – experiências reais com verdadeiros suportes de leitura e escrita. Recentemente, ultrapassando esta dicotomia código/significado, diferentes trabalhos têm demonstrado a eficácia de uma abordagem que contemple elementos de ambas as perspetivas referidas anteriormente (e.g. Guthrie, Schafer, & Huang, 2001; Pressley, 2003). Neste contexto, o objetivo deste estudo foi o de analisar as práticas de ensino da leitura e da escrita no primeiro ano de escolaridade. Participaram neste estudo 870 professores portugueses a lecionar no primeiro ano de escolaridade. Para analisar as práticas dos professores foram utilizados dois instrumentos: um questionário, adaptado e validado a partir do questionário de Fijalkow e Fijalkow (1994; 2003) e construída uma grelha de observação de práticas de ensino da leitura e da escrita. Através de uma análise de clusters foram identificados três subgrupos de professores que se caracterizam genericamente da seguinte forma: um subgrupo com práticas mais centradas no código; outro com práticas mais centradas no significado; e um grupo misto. Foram ainda observados três professores de cada subgrupo.

SIMPÓSIO 3

Ensino Superior, seus públicos e vivências académicas

Coordenador Leandro S. Almeida, Instituto de Educação, Universidade do Minho

Resumo:

O ingresso no Ensino Superior constitui-se como um marco no percurso pessoal, no qual cada indivíduo, com base na sua experiência passada, constrói expectativas relativas à situação presente, que terão um impacto nas suas vivências académicas e adaptação futuras. As comunicações deste Simpósio analisam quais as expectativas que atualmente parecem motivar os estudantes a ingressar e/ou regressar à universidade, bem como qual a sua efetiva adaptação às exigências impostas e quais as suas vivências académicas. Aborda-se o caso particular dos alunos detentores de Necessidades Educativas Especiais, analisando-se como se processa o seu ingresso no Ensino Superior e qual a qualidade da sua adaptação, mais concretamente no que se refere à sua inclusão. São tecidas algumas considerações acerca dos desafios que este momento representa para os alunos, mas igualmente para as instituições de Ensino Superior, que deverão ser capazes de adoptar práticas promovendo a construção de expectativas realistas e adaptativas, bem como potenciando a adaptação e a inclusão no Ensino Superior.

Comunicação 1 - A influência das expectativas no outcome da vida académica: Onde termina o benefício e começa o prejuízo.

Ana Filipa Alves*, Alexandra Ribeiro Costa**, Alexandra Araújo*, & Leandro S. Almeida*
Instituto de Educação, Universidade do Minho*, Instituto Superior de Engenharia do Porto**

Resumo:

Ao ingressarem no Ensino Superior, os alunos apresentam uma panóplia de expectativas construídas com base em experiências passadas, que lhes permite perspetivar o futuro. Na maioria dos casos, os alunos revelam expectativas positivas ou, inclusive, bastante positivas. Níveis superiores de adaptação académica ocorrem quando tais expectativas positivas estão moderadas face às exigências e desafios do novo contexto académico, o que tem reflexos nas taxas de abandono e insucesso escolar. Tomando uma amostra de três centenas de alunos do 1º ano do Instituto Superior de Engenharia do Porto, descrevem-se as suas expectativas no início do 1º e 2º semestre, analisando a respetiva evolução. Estas expectativas reportam-se à qualidade do curso e formação, à formação para o futuro emprego, à interação social, ao comprometimento social e cidadania e à pressão social. São apreciadas, na sua diferenciação, o impacto do género, da idade e do regime de frequência do Ensino Superior (diurno e noturno).

Comunicação 2 - As expectativas académicas dos alunos do 1º ano: O caso dos maiores de 23.

Paula Gonçalves & Leandro S. Almeida, Instituto de Educação, Universidade do Minho

Resumo:

A mutação constante no mercado de trabalho, em função de novos modelos económicos e das transformações tecnológicas, tem implicado um novo olhar sobre a aprendizagem ao longo da vida. Neste contexto, a preocupação com o exercício da atividade profissional e progressão na carreira, bem como a possibilidade de reconhecimento de valor e prestígio profissional, levam, por parte da população adulta, a um maior investimento na sua formação académica. O conceito de Novos Públicos surge, assim, para designar os estudantes que não se integram no perfil clássico de acesso ao Ensino Superior, encontrando-se intimamente ligado ao conceito de Aprendizagem ao Longo da Vida. Desta forma, identificar e compreender os motivos que levam estes novos públicos a ingressar no Ensino Superior constitui uma área de investigação cada vez mais pertinente. Apresentamos, assim, os resultados de uma pesquisa tendo em vista a construção e validação de uma escala de avaliação das expectativas e vivências académicas dos estudantes adultos não tradicionais que se encontram a frequentar o 1º ano do Ensino Superior. Ainda que teoricamente o questionário tenha sido inicialmente constituído por seis dimensões ou domínios de expectativas, constatamos que em termos práticos, deste primeiro estudo centrado na construção e validação da referida escala, ficaram claramente definidas três grandes dimensões: a preparação para o mercado de trabalho, a interação e desenvolvimento das relações interpessoais, e o investimento numa vida académica rica e diversificada favorecendo a interação e o desenvolvimento pessoal.

Comunicação 3 – A inclusão no ensino superior: Estudo exploratório com um grupo de alunos portadores de deficiência.

Micaela Abreu*, Ana P. Antunes**, & Leandro S. Almeida***
CNO Inclusivo-SRE Madeira*, Universidade da Madeira**, Universidade do Minho***

Resumo:

A preocupação com a inclusão dos alunos com NEE é uma realidade crescente a nível escolar e social, pressupondo que estes alunos têm direito a uma educação de qualidade e individualizada. Com a realização deste trabalho pretendemos contribuir para a reflexão e análise da forma como está a acontecer a inclusão ao nível do Ensino Superior português, apresentando os movimentos de inclusão e as políticas de inclusão a nível internacional e nacional, e os dados recolhidos junto de um grupo de alunos numa universidade pública. Desta forma, definimos como critério de seleção os alunos que ingressaram no Ensino Superior nos últimos cinco anos, através do contingente especial para portadores de deficiência, sendo que se disponibilizaram a participar no estudo 13 alunos, com uma média de idades em torno dos 23,9 anos, oscilando entre os 19 e os 44 anos. Para recolha de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada e o Questionário de Vivências Académicas – reduzido (Almeida, Ferreira, & Soares, 2001). Os dados recolhidos permitem identificar diferentes perceções de inclusão, variando em função do sujeito e da problemática. Parece que os alunos portadores de deficiência auditiva são que os revelam maiores dificuldades de adaptação e integração. Finalizamos tecendo algumas considerações em relação à possibilidade de algumas práticas institucionais facilitadoras da inclusão e ao desenvolvimento de novos estudos nesta área.

Comunicação 4 –Expectativas académicas dos alunos do ensino superior: Proposta de instrumento para a sua avaliação.

Alexandra Ribeiro Costa*, Alexandra Araújo**, Ana Filipa Alves**, & Paula Gonçalves**
Instituto Politécnico do Porto*, Universidade do Minho**

Resumo:

Num misto de motivação e de perceções cognitivas, as expectativas dos indivíduos marcam o seu investimento e rendimento nas situações de aprendizagem e de realização. Assim, face à relevância que a investigação na área aponta às expectativas académicas dos estudantes na sua adaptação e sucesso aquando do ingresso no ensino superior, importa

conseguir instrumentos fiáveis e válidos de avaliação dessas mesmas expectativas. Partindo de uma amostra de 890 estudantes do Instituto Politécnico do Porto e da Universidade do Minho, esta comunicação descreve os procedimentos de construção e validação do Questionário de Perceções Académicas: Expetativas. Partindo de um pressuposto teórico de sete dimensões ou domínios de expetativas (formação para o emprego, qualidade da formação, desenvolvimento pessoal, interação social, qualidade da instituição, pressão social, e envolvimento político e cidadania), as análises estatísticas vieram a mostrar uma maior consistência de cinco delas (na base dos itens aplicados, não se confirmam a dimensão da qualidade da instituição e do desenvolvimento pessoal). Ao mesmo tempo que se procura explicar as razões de não verificação dessas duas dimensões, discute-se a possibilidade de novas dimensões face aos resultados de um estudo com objetivos e características similares por parte da Universidade de Vigo-Ourense.

MESA 6

Intervenção educativa em Comunidades

Comunicação 1 – A Educação não-formal na promoção da empregabilidade juvenil: A experiência do município de Cascais
Francisco Carreiro, Câmara Municipal de Cascais

Resumo:

A construção da empregabilidade de cada indivíduo, inicia-se muito antes das suas primeiras tentativas de entrada no mercado de trabalho, com os contributos de vários espaços e contextos educativos, que vão muito para além dos da escola ou universidade, através de um processo gradual. A integração no mercado de trabalho, na sociedade do conhecimento e da informação, é hoje mais tardia e caracterizada por novos modelos marcados pela instabilidade e incerteza face ao futuro, que atrasam o processo de autonomia dos jovens. Esta realidade exige, por parte das diversas entidades, novas políticas e respostas, e da parte dos jovens novas competências e atitudes facilitadoras da sua inserção e concretização dos seus projetos de vida. A Câmara Municipal de Cascais desenvolve, desde 2007, uma intervenção alargada no sentido de promover a empregabilidade dos jovens residentes no município procurando, através de um conjunto de iniciativas, facilitar a transição dos mesmos da escola/universidade para o mercado de trabalho. Pretende-se apresentar sumariamente os diversos apoios, programas e projetos que estão a ser dinamizados pela equipa de Empregabilidade da Divisão de Juventude e Conhecimento da Câmara Municipal de Cascais, dando a conhecer os seus modelos, metodologias, atividades e principais resultados. Esta intervenção é desenvolvida no quadro da educação não-formal, entendida como complementar ao sistema formal de ensino, numa perspetiva na qual a atualização e o desenvolvimento de competências constante, ou seja a aprendizagem ao longo da vida, são fatores chave no reforço da empregabilidade dos jovens e para a sua integração no mundo do trabalho.

Comunicação 2 – Educação, desenvolvimento local e identidade cultural
Paulo Louro, ISPA-IU

Resumo:

A relevância do poder local tem surgido, nos últimos 20 anos, como um antídoto contra os efeitos desintegradores da globalização. O enfraquecimento progressivo do Estado-Nação, que vê diminuída a sua soberania e a sua capacidade económica e política cria as condições para uma efetiva descentralização de toda a administração pública, quadro no qual, em função da crescente complexidade dos processos sociais, teremos, também, de entender e estudar as Políticas Públicas. A construção de um Sistema Educativo Local, papel no qual muitas autarquias portuguesas se têm empenhado, poderá ser equacionado com base numa centralidade na Escola (Carta Educativa, Agrupamentos) ou com base no Território, em que o município e as organizações locais são os intervenientes principais. Nesta comunicação procuraremos ilustrar, com a apresentação dos projetos “Viagens do Zambujinho” e “Azambuja de AaZ”, a forma como num município de média dimensão a intervenção educativa procura valorizar a identidade local, as parcerias e o desenvolvimento local, enquadrando-se nos princípios consignados na Carta das Cidades Educadoras.

Comunicação 3 – Município, educação para a saúde e prevenção
Pedro Aires Fernandes

Resumo:

A presente comunicação pretende constituir-se como um contributo para a reflexão sobre o papel dos municípios na intervenção local em matéria de Educação para a Saúde, sublinhando a relevância que a Prevenção tem vindo a assumir nas ações e políticas municipais. Parece ser possível constatar que a intervenção dos municípios na promoção da saúde local ultrapassa o legislado, pelo desenvolvimento de ações e projetos na área da Educação para a Saúde, bem como, participando e apoiando iniciativas de âmbito nacional, regional e também por outras promovidas pelos restantes atores locais, como é o caso dos Agrupamentos dos Centros de Saúde e os estabelecimentos de educação e ensino. De forma mais casuística ou organizada em torno de uma estratégia municipal, as ações referidas abordam temáticas muito diversas, tais

como, a Alimentação Saudável e Atividade Física, Gerontologia, Doenças Cardiovasculares, Comportamentos Aditivos e Sexualidade, entre outros. Na base desta intervenção, parece conferir-se particular destaque à Prevenção, entendida como estratégia fundamental na sensibilização das suas comunidades para a adoção de comportamentos saudáveis. Neste contexto concreto, sublinha-se a aposta na partilha e disseminação de Informação adequada e fidedigna, orientada para grupos profissionais e faixas etárias específicas. Assiste-se, assim, ao estabelecimento de parcerias e ao desenvolvimento de uma ação concertada com os restantes atores locais, numa lógica de rede, procurando uma resposta mais eficaz e eficiente às necessidades identificadas pelos municípios, aspeto de importância acrescida num tempo em que os recursos disponíveis são cada vez mais escassos.

Comunicação 4 – Escola, Autarquia e Comunidade: Que relação e quais as representações dos atores relativamente à rede escolar

Jorge Ferreira, Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) - Universidade do Minho

Resumo:

Há mais de duas décadas que a nível europeu têm ocorrido importantes reformas territoriais de educação como resposta a problemas demográficos, de conjuntura económica, fatores pedagógicos... Motivada por esses motivos, a reforma portuguesa da rede escolar tem-se materializado pela concentração da população escolar em edifícios novos e requalificados e pela aposta num modelo de administração centrado na autarquia e no agrupamento escolar. Este artigo pretende apresentar as principais conclusões da investigação realizada no âmbito do projeto de doutoramento do autor do presente documento, centrado na problemática da rede escolar, assim como expor as considerações mais relevantes de um colóquio organizado em co-autoria com a Escola Superior de Educação de Viseu sobre esta temática. O encontro e o estudo salientaram a importância do trabalho cooperativo que deve existir entre: a autarquia, o agrupamento escolar e a associação de pais, em matérias como a definição e gestão da rede escolar a nível local. A maior parte dos depoimentos dos protagonistas inquiridos reafirmaram o pleno acordo no que respeita à melhoria das condições de ensino e de aprendizagem resultantes da reforma estrutural. Parceria, responsabilidade e melhor definição de papéis dos agentes educativos foram os desafios e os caminhos apontados pelos oradores do colóquio para a escola pública. O trabalho cooperativo entre a escola, a autarquia e a associação de pais surge como uma aliança necessária e eficaz na prossecução dos objetivos e finalidades da educação.

MESA 7
Formação de Professores

Comunicação 1 – Crenças e literacia emocional na formação de um grupo de professores

Isabel Freire*, Sara Bahia**, Maria Teresa Estrela*, Anabela Amaral*

* Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, **Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Resumo:

Embora sem unanimidade de resultados, a investigação evidencia desde os finais dos anos 70 que as crenças educativas influenciam a conduta docente (Fullan, 1991) e que, por vezes, elas se tornam conflituais (Angulo, 1987). Mais recentemente tem sido salientada a influência das crenças na vida emocional dos professores e sua relação com a conduta profissional (Cross e Hong, 2011). As emoções são fonte de influência na formação de novas crenças, modificando e alterando o impacto das crenças existentes. As experiências vividas na interação com os contextos em que ocorrem podem ser oportunidades de mudança das crenças e também da ação. Para o bem estar emocional dos professores, as crenças iniciais sobre a profissão e sobre as emoções podem ser substituídas por crenças mais adequadas associadas à aquisição ou desenvolvimento da literacia emocional; crenças relacionadas com o perfeccionismo do professor (e.g., o bom professor é aquele que revela um controlo absoluto sobre todas as situações que ocorrem na sala de aula) poderão conduzir ao desgaste emocional. A formação, dando lugar à reflexão e ao autoconhecimento, tem um importante papel no processo de desvelar determinadas crenças. Nesta comunicação apresentaremos parte de um estudo de investigação-formação realizado com professores do ensino básico, focado na dimensão emocional da docência. Partindo da análise de dados recolhidos a partir de entrevistas iniciais e finais e de outros materiais, como reflexões dos professores participantes, tentaremos evidenciar a interação entre as crenças e as mudanças experimentadas pelos professores no processo de formação e relação com as práticas pedagógicas.

Comunicação 2 – Contributos do modelo ecológico para o desenvolvimento profissional docente

Ana Pedro & João Filipe Matos, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Resumo:

A investigação em curso procura perceber os contributos do modelo ecológico, abordado por Broffebrenner (1996), para o conceito de desenvolvimento profissional docente, procurando relações entre estes. Autores como Day (2001),

Imbernón (2005) ou Ponte (1998) entendem o desenvolvimento profissional docente como tendo associado em si mesmo a ideia de que a capacitação do professor para o exercício da sua atividade profissional é um processo que envolve várias etapas e, conseqüentemente, está sempre em construção. O professor é visto como tendo que considerar as suas várias experiências pessoais e profissionais como essenciais ao seu desenvolvimento profissional, tornando-se ator do seu próprio desenvolvimento e tendo de considerar assim as diversas dimensões das práticas em que está envolvido, remetendo-nos assim para o modelo ecológico. Procura-se deste modo desenvolver relações entre o desenvolvimento profissional docente e o modelo ecológico, explorando a percepção do docente como um agente social que influencia e é influenciado direta e indiretamente pelos diferentes contextos onde se encontra inserido, a nível microssistémico, mesossistémico, exossistémico ou macrossistémico. Neste quadro, o objetivo desta investigação centra-se na análise e interrogação do conceito de desenvolvimento profissional docente à luz do modelo ecológico, procurando: (i) analisar quadros teóricos referentes ao desenvolvimento profissional docente; (ii) perceber de que forma o modelo de Broffenbrenner é aplicável ao desenvolvimento profissional docente; (iii) considerar de que forma a legislação portuguesa se enquadra nesses mesmos quadros teóricos.

Comunicação 3 – A resolução de conflitos na formação de professores: compreender as necessidades dos docentes.
Helena Pratas & Inês Horta, Instituto Superior de Educação e Ciências

Resumo:

A problemática da violência escolar levanta questões sobre a preparação dos docentes para intervir em situações de conflito, uma vez que as crianças precisam de ser ajudadas neste sentido. Assim, a escola deve ter um papel importante na prevenção, reduzindo o risco de os alunos se tornarem violentos (Cowie, Dawn & Sharp, 2003). A resolução de conflitos pode ser definida como a resolução de um problema para que o conflito termine, considerando alguns autores a Educação para a Paz uma estratégia chave no estabelecimento consensual e duradouro da paz (Johnson & Johnson, 2005). Neste contexto, a presente comunicação insere-se num estudo que pretende desenvolver e implementar um programa de resolução de conflitos que permita aos docentes de Educação Pré-Escolar promover o desenvolvimento de competências sociais e emocionais em crianças em idade pré-escolar. Especificamente, pretende-se compreender: o que os docentes pensam sobre conflitos e resolução de conflitos, como resolvem os conflitos nas suas salas; que métodos ou estratégias usam e que dificuldades sentem na aplicação de estratégias de resolução de conflitos. Para alcançar estes objectivos foi desenvolvido um questionário, que está a ser aplicado em diversos países a docentes de Educação Pré-escolar. Apresentamos neste estudo os primeiros resultados que estão a ser recolhidos em Portugal e que pretendem ser a base da elaboração de um programa de resolução de conflitos através da educação para a paz, que terá implicações significativas na formação de professores e nas escolas.

Comunicação 4 – Uma psicologia encarnada na busca de outros modos para pensar e fazer a formação inicial de professores: a autobiografia como projeto (auto)formativo
Lúcia Maria Vaz Peres Universidade Federal de Pelotas

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo socializar uma prática pedagógica como professora de Fundamentos da Educação, na área da psicologia, no bloco temático Práticas Educativas, no 1º semestre do Curso de Pedagogia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas/Brasil/RS). Ao longo do meu trabalho como professora formadora de futuros professores algumas perguntas vem me acompanhando: como tocá-los efetivamente? Como sensibilizá-los a tal ponto que possam reverter as “formas” instituídas de ser professor? Como fazer para que os conteúdos da psicologia sejam incorporados? Diante de tais indagações, propôs um trabalho metodológico (a partir da reforma curricular de 2000) no sentido de acordar as crianças que foram, para posteriormente, sensibilizarem-se com a criança que irão trabalhar. Tem como referencial teórico principal os estudos autobiográficos preconizados pela pesquisadora Suíça, Marie-Christine Josso (2004), sobre as histórias de vida em formação e, pela noção de biografização, proposta por Christine Delory-Momberger (2008). A partir destas autoras venho buscando uma psicologia viva e encarnada através da qual poderemos nos apropriar de mundos sociais preexistentes e reeditá-los. Os procedimentos são autobiográficos onde a escrita fora a tônica, tais como: diários, portfólios, técnicas expressivas. Tudo isso, tendo por base a escrita e reescrita da criança que pensam ter sido como vistas a criança que desejam ressignificar.

MESA 8

Instrumentos de Avaliação e Investigação

Comunicação 1 – A construção e a análise do software diário etnográfico eletrónico na investigação etnográfica em educação.

Paulo Brazão, Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira

Resumo:

O diário etnográfico tem sido usado como instrumento de registo do trabalho de campo, em investigação de natureza etnográfica. A prática do diário pode ser conceptualizada em quatro principais correntes teóricas: a da antropologia cultural/social fundada por Malinowski e F. Boas; a da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico dedicada à sócio-etnografia, urbana influenciadora da etnografia interacionista inglesa e que tem representantes principais D. Hargreaves; S. Delamont; M. Hammersley e P. Woods; a da Análise institucional de Paris VIII, com as tendências da “Análise institucional interna” de “Etnografia institucional ou “Etnografia participante”, ou “Etnosociologia institucional” (G. Lapassade, 1991) - com o modelo da prática do Diário de Campo e a análise da implicação. Neste artigo defendo que a utilização de um software apropriado vem facilitar o trabalho do investigador. Descrevo a construção e a utilização de um software que denominei de Diário Etnográfico Eletrónico. Para a reflexão apresento o testemunho de três relatos de investigadores que realizaram estudos de natureza etnográfica em educação. Finalizo reforçando a ideia de que as questões metodológicas sobre a observação e o registo são muito mais complexas que as questões técnicas. O conhecimento prévio do tema a estudar e a revisão da literatura é fundamental e deve fazer parte da subjetividade do investigador, tratada numa perspetiva crítica.

Comunicação 2 – Inventário de Identificação de Dificuldades de Aprendizagem (IIDA): Estudos de Validade.

Irina Lucas Vaz & Cristina Petrucci Albuquerque

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra

Resumo:

A presente investigação pretende contribuir para o colmatar da carência de instrumentos nacionais de despistagem e identificação de Dificuldades de Aprendizagem (DA), levando igualmente a uma caracterização mais rigorosa dos alunos portugueses com DA. Para o efeito, seleccionou-se o Learning Disabilities Diagnostic Inventory, de Hammill e Bryant (1998), o qual é um inventário que avalia os alunos nas áreas da linguagem (receptiva e expressiva), leitura, escrita, matemática e raciocínio e que pode ser preenchido por professores e técnicos de educação. Procedeu-se à tradução, à adaptação para a população portuguesa e à realização de estudos psicométricos deste inventário. Fazem parte da investigação uma amostra de 491 alunos com DA e uma amostra de 150 alunos sem DA ou qualquer outra problemática. A amostra com DA foi recolhida durante os anos lectivos de 2008/2009 e 2009/2010, em escolas portuguesas dos distritos de Beja, Setúbal, Lisboa e Coimbra, junto de professores do ensino regular e educação especial. Esta amostra inclui crianças dos 8 aos 15 anos de idade, do 2º ao 7º ano de escolaridade. Apresentam-se os resultados relativos aos estudos de validade de constructo, designadamente os relativos à estrutura factorial do inventário, à análise dos itens e à discriminação de alunos com e sem DA. Os resultados alcançados permitem até ao momento concluir que a versão portuguesa do Inventário de Identificação de Dificuldades de Aprendizagem (IIDA) pode contribuir para a despistagem das Dificuldades de Aprendizagem.

Comunicação 3 – A multidimensionalidade da adaptação escolar na pré-adolescência

Helena Meneses, & Marina Serra Lemos, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Resumo:

O presente estudo procura fomentar a reflexão e a compreensão sobre a concetualização da adaptação escolar na pré-adolescência. Especificamente propõe uma visão integradora da adaptação escolar, com um modelo multidimensional, que compreende dimensões sociais, académicas e familiares. Partindo da exploração da literatura e de um conjunto de pressupostos teóricos - provenientes dos modelos conceptuais ecológico, desenvolvimental e motivacional – foi delineado um modelo teórico e efetuado o teste empírico. Este modelo de adaptação escolar valoriza especialmente as dimensões sociais, e encerra uma natureza multinível, dada a inclusão das perceções do próprio estudante, professor e pares. Esta investigação desenvolveu-se junto de 706 estudantes do 5º e 6º anos de escolaridade, oriundos de diversas escolas públicas e privadas das regiões norte e centro de Portugal. No teste empírico ao modelo de adaptação escolar proposto, através da análise de equações estruturais, verificou-se na generalidade a estrutura conceptual da adaptação escolar do estudante pré-adolescente. De facto, os resultados finais evidenciaram um bom ajustamento global deste modelo, e corroboram a pertinência da conceção multidimensional do modelo de adaptação escolar, o qual compreendeu as dimensões competência interpessoal com os pares, competência comportamental, competência percebida, objetivos sociais, competência académica e o nível socioeconómico e cultural da família. Este estudo comprovou que a adaptação escolar é multifacetada e vai muito além da competência académica do estudante.

MESA 9

Motivação Ensino e Aprendizagem

Comunicação 1 – O impacto das Dificuldades de Aprendizagem na Motivação: Um estudo longitudinal

Lurdes Veríssimo*, Marina Serra de Lemos**, João Lopes***

* Faculdade de Educação e Psicologia - Universidade Católica Portuguesa, **FPCE - Universidade do Porto, ***Escola de Psicologia - Universidade do Minho

Resumo:

O presente estudo teve como objetivo central estudar o impacto das dificuldades de aprendizagem na evolução da motivação ao longo do tempo. Trata-se de um estudo longitudinal com quatro momentos de recolha de dados, durante dois anos letivos, com 216 alunos do 3º ao 4º ano, de dezoito escolas de 1º Ciclo. As dimensões motivacionais selecionadas foram a motivação intrínseca/extrínseca, a motivação para a leitura, o empenho/desmotivação e competência académica percebida. De forma geral, os resultados evidenciam que as dificuldades de aprendizagem condicionam a trajetória de desenvolvimento da motivação.

Comunicação 2 – Motivação para a aprendizagem da Matemática e sua relação com as percepções dos alunos de clima de sala de aula

Ana Filipa Mendes Ricardo*, Lourdes Mata**, *ISPA – Instituto Universitário,** ISPA- Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

O objetivo da comunicação é o de sensibilizar para a importância e influência que a motivação dos alunos tem ao nível do seu desempenho escolar, comportamentos disruptivos e percepções de clima de sala de aula. A literatura realça a influência e o impacto significativo e consistente da motivação relativamente aos resultados escolares dos alunos, bem como a diminuição do aparecimento e prevalência dos comportamentos disruptivos. A mesma aparece também associada a um clima de sala de aula positivo. Neste sentido foi realizada uma investigação quantitativa de carácter correlacional, onde participaram 390 alunos do 3º ciclo, de duas escolas da região de Lisboa. Com o intuito de verificar e analisar as relações entre a motivação dos alunos para a aprendizagem da Matemática e as suas percepções sobre o clima de sala de aula em função das variáveis desempenho escolar e comportamentos disruptivos, e a relação entre motivação e clima de sala de aula,

Foram utilizadas duas escalas, uma que avalia a percepção do clima de sala de aula “Na Sala de Aula de Matemática” e outra que avalia a motivação dos alunos para a aprendizagem da disciplina “Eu e a Matemática”. Os dados evidenciaram que alunos com melhores notas apresentam níveis motivacionais mais altos e percepções de clima de sala de aula mais positivas. E alunos com mais comportamentos disruptivos apresentam níveis motivacionais mais baixos e percepções de clima de sala de aula menos positivas. Verificou-se ainda que alunos com níveis motivacionais mais altos apresentam percepções de clima de sala de aula positivas.

Comunicação 3 – “Diz-me quem foste, dir-te-ei quem és!” Estudo quantitativo com alunos de elevado e baixo rendimento na disciplina de Matemática no final do 3ºciclo

Ana Salgado*, Pedro Rosário*, Carina Guimarães**

*Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, **Departamento de Psicologia e Educação, Beira Interior

Resumo:

O rendimento académico é um dos indicadores mais utilizados para avaliar a qualidade de um sistema educativo. A Psicologia da Educação, dividida em distintas áreas de investigação (e.g. motivação, instrução, cognição, ...), desenvolveu ao longo do tempo estudos que se focam em variáveis específicas como preditoras do rendimento, excluiu outras e raramente incluiu construtos de outras áreas de estudo. A questão do rendimento é tão complexa, que a sua compreensão tem exigido a análise de pequenos conjuntos de preditores, impedindo que se capture o sentido do todo, de como as várias peças do puzzle do rendimento se encaixam juntas. Este estudo pretende compreender a interação das diferentes variáveis identificadas na literatura como preditoras do sucesso académico. Com este objetivo recolheram-se dados sócio-demográficos e dados centrados no domínio específico da Matemática relativos à autorregulação da aprendizagem, abordagens ao estudo, procrastinação, objetivos, instrumentalidade, auto-eficácia, controlo volitivo, motivação e competências intelectuais (raciocínio verbal, numérico e de resolução de problemas). Os questionários validados para a população portuguesa foram aplicados em três momentos distintos ao longo de um ano letivo, a dois grupos, de aproximadamente 200 alunos cada, com um percurso de elevado rendimento e com um percurso de baixo rendimento na disciplina de Matemática no final do 3.ºciclo do Ensino Básico. A análise das respostas possibilita a identificação das semelhanças e das diferenças entre estes dois grupos ao longo do tempo. Os resultados são discutidos à luz dos estudos existentes, sem esquecer as implicações para a prática educativa.

Comunicação 4 – Autoconceito e Motivação para as aprendizagens em crianças de 1º e 2º ano de escolaridade

Joana Vargas Simões* & Lourdes Mata**, *ISPA – Instituto Universitário,** ISPA- Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

O presente estudo tem como objetivos caracterizar o autoconceito e as características motivacionais, perceber que variáveis estão associadas a diferenças nessas características, bem como analisar as relações entre o autoconceito e a motivação. Autores como Marsh, Craven e Debus (1991) ou Mantzicopoulos (2006) referem a importância de conduzir este tipo de investigações com crianças em idade pré-escolar e início de escolaridade, pois esta fase do desenvolvimento poderá ser crucial para a formação de um autoconceito positivo. Participaram nesta pesquisa 57 crianças em início escolaridade. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Autoconceito para crianças de 1º e 2º ano de escolaridade, uma Escala de Motivação para as Aprendizagens para crianças em início de escolaridade e um Questionário de Avaliação de Competências Académicas. Os principais resultados confirmaram que os perfis de auto percepções e motivação, em crianças pequenas, são bastante elevados, ou seja, estas têm uma percepção de si próprias bastante positiva nas várias áreas do autoconceito e

apresentam elevados níveis de motivação para aprender. Constatámos diferenças tanto no autoconceito como na motivação destas crianças em função do seu desempenho, tendo-se verificado que os alunos com melhor desempenho académico diferem, significativamente, dos alunos com pior desempenho. Confirmou-se também a existência de relações entre o autoconceito e a motivação, identificando diferenças no autoconceito em função de diferentes níveis motivacionais. Tais diferenças revelaram que quanto mais positivas são as auto percepções das crianças nos domínios da Competência e Aceitação de Pares, mais elevado é o seu nível de motivação, quer de maneira geral, quer em dimensões mais específicas.

SIMPÓSIO 4

Funciones ejecutivas y dificultades iniciales de aprendizaje en el contexto escolar

Coordenador - Manuel Peralbo Uzquiano

Resumo:

Las funciones ejecutivas abarcan el conjunto de procesos que subyacen a la conducta consciente y planificada dirigida a metas, a las respuestas en las situaciones novedosas o difíciles y a la capacidad de inhibir aquellas conductas que nos alejan del objetivo perseguido, por lo que se refiere a lo necesario para el control deliberado del pensamiento, de las emociones y de las acciones. En palabras de Stephanie M. Carlson (2005), el funcionamiento ejecutivo se refiere a procesos cognitivos de alto nivel, autorregulatorios que ayudan en la supervisión y control del pensamiento y la acción. Estas habilidades incluyen: control inhibitorio, planificación, flexibilidad atencional, corrección y detección de errores y resistencia a la interferencia. La existencia de disfunciones ejecutivas, especialmente en los primeros momentos de la escolaridad, se asocia con la aparición de diferentes alteraciones y trastornos del aprendizaje que repercuten negativamente en el rendimiento y el desarrollo infantil. Su detección temprana se convierte así en un instrumento de primera magnitud para incidir en la prevención y en la corrección temprana de las disfunciones detectadas. Este simposio aborda estas cuestiones centrándose de modo específico en las dificultades asociadas al TDAH, discalculia y al desarrollo de habilidades relacionadas con el lenguaje oral (conciencia fonológica) y escrito (competencia lectora inicial). : funciones ejecutivas, Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad TDAD, dificultades de aprendizaje

Comunicação 1 – Capacidad predictiva de los niveles de funcionamiento ejecutivo sobre las habilidades matemáticas básicas

Alberto Veleiro*, Lisa B. Thorell**,

*Universidad de A Coruña, **Departamento de Neurociencia Clínica del Instituto Karolinska de Estocolmo

Resumo:

En el presente estudio se investiga la capacidad predictiva de las puntuaciones de funcionamiento ejecutivo de niños preescolares obtenidas a la edad de 4 años, sobre las habilidades matemáticas básicas evaluadas 12 meses después. Inicialmente, las puntuaciones de funcionamiento ejecutivo fueron obtenidas a través del Childhood Executive Functioning Inventory (CHEXI). Doce meses después se obtuvieron los datos correspondientes a las tareas de comparación numérica básica y conceptos matemáticos básicos, así como los relacionados con el control inhibitorio (tipo go/nogo) y la memoria operativa (Children Size Ordering Task). Los resultados indican que la memoria operativa está implicada en las habilidades matemáticas. Se encontraron correlaciones significativas entre CSOT y los tests de habilidades matemáticas. Además, la subescala de memoria operativa del CHEXI a los 4 años predice significativamente los resultados en habilidades matemáticas 12 meses después. Estos resultados son discutidos en términos de la validez de constructo de las puntuaciones de funcionamiento ejecutivo, de su estabilidad y valor predictivo sobre la identificación temprana de riesgo de dificultades de aprendizaje en niños preescolares.

Comunicação 2 – Valor predictivo del BRIEF-P sobre el desarrollo de síntomas y el impacto escolar asociado al TDAH en el ámbito escolar

Alberto Veleiro Vidal*, Manuel Peralbo Uzquiano*. Josep Artigas Pallarés**

*Universidad de A Coruña, **Unidad Neuropediatría Hospital de Sabadell, Centro Médico Psyncon

Resumo:

El objetivo de este estudio es profundizar en el conocimiento disponible sobre los instrumentos para llevar a cabo la identificación temprana del alumnado con TDAH en el ámbito escolar. En particular, se trata de indagar sobre el valor predictivo de un cuestionario de valoración conductual de las funciones ejecutivas: el BRIEF-P (Gioia, Espy e Isquith, 2003) sobre el desarrollo de los síntomas y el impacto escolar asociado al TDAH. Con esta finalidad se realizó un estudio ex post facto, con un seguimiento a los 24 meses, con una muestra de 201 niños y niñas de 6 y 7 años. La variable independiente estaba constituida por las funciones ejecutivas informadas a través del BRIEF-P. Las variables dependientes fueron: síntomas de TDAH, dificultades escolares asociadas al TDAH, calificaciones escolares y el SNAP IV (Swanson, 1992). Los resultados muestran una fuerte correlación positiva entre dificultades ejecutivas y sintomatología propia del TDAH, y con las medidas de impacto negativo del TDAH en el ámbito escolar, así como con el rendimiento escolar 24 meses después de

la evaluación mediante el BRIEF-P. Las escalas de control inhibitorio y memoria de trabajo resultaron ser las más predictivas del riesgo de presentar síntomas de TDAH a los dos años de la evaluación inicial.

Comunicação 3 – La relación entre funciones ejecutivas y conciencia fonológica en educación primaria

María Ángeles Mayor*, María Luz Fernández Amado**, Alejandro Tuñas***, Begoña Zubiauz*, Montserrat Durán****
 *Universidad de Salamanca, **Colegio San Juan Bosco de A Coruña, ***ALTIA Consultores, A Coruña, ****
 Universidad de A Coruña

Resumo:

Se pretende analizar la relación entre las funciones ejecutivas, consideradas desde el modelo de Miyake (Miyake, Friedman, Emerson, Witzki, Howerter y Wager, 2000) y el nivel de conciencia fonológica alcanzado a los 6 años de edad. Parece cada vez más claro que los procesos metalingüísticos se encuentran bajo el control del lóbulo prefrontal. En él radican las funciones ejecutivas que ejercen un control sobre la actividad consciente, intencional y propositiva del individuo, y en él se sitúan las funciones de control inhibitorio, memoria de trabajo y flexibilidad que son necesarias cuando abordamos la solución de problemas complejos que exigen de un procesamiento de arriba-abajo y que requieren de un nivel alto de planificación y autorregulación cognitiva (Bental y Tirosh, 2007; Mccarthy, 1995). Por ello se realizó un estudio de carácter descriptivo y correlacional en el que 70 niños de 1º de primaria fueron evaluados a través del CHEXI (Thorell y Nyberg, 2008) y de los subtest de conciencia fonológica del LoLeva (Mayor, Tuñas, Zubiauz, Fernández-Amado y Peralbo, en prensa). Se descartaron diferencias atribuibles al CI. En el primer caso, las variables utilizadas fueron: memoria de trabajo y control inhibitorio. En el segundo, las variables fueron: rima, identificación, adición y omisión de sílaba (al inicio y final de palabra)e identificación, adición y omisión de fonema (al inicio y final de palabra). Los resultados revelan la existencia de una correlación significativa entre ambos tipos de variables.

Comunicação 4 – Las funciones ejecutivas y su valor predictivo sobre el aprendizaje inicial de la lectura en educación primaria

Manuel Peralbo*, Juan Carlos Brenlla*, Alfonso Barca* Manuel García*, María Ángeles Mayor**
 *Universidad de A Coruña ,**Universidad de Salamanca

Resumo:

Se pretende analizar la relación entre las funciones ejecutivas, consideradas desde el modelo de Miyake (Miyake, Friedman, Emerson, Witzki, Howerter y Wager, 2000) y el nivel de competencia lectora alcanzado en primer curso de educación primaria. Swanson, Zheng y Jerman (2009) en su meta-análisis sobre memoria a corto plazo, memoria operativa y dificultades de lectura concluían que en la base de las dificultades de lectura se puede encontrar un modelo de déficit verbal en el que se fracasa al utilizar eficientemente los recursos tanto del sistema ejecutivo como fonológico. También en otros trabajos (Conners, 2009) se encuentra una relación importante entre control atencional y comprensión lectora, lo que permite pensar que el control inhibitorio se suma a las habilidades de decodificación y de comprensión para explicar el rendimiento en comprensión lectora. En el estudio participaron 70 estudiantes de 1º de primaria sin diferencias en CI. Todos fueron evaluados a través del CHEXI (Thorell y Nyberg, 2008) que mide memoria de trabajo y control inhibitorio, y de los subtest de competencia lectora inicial del LoLeva (Mayor, Tuñas, Zubiauz, Fernández-Amado y Peralbo, en prensa) que mide lectura de letras mayúsculas y minúsculas, lectura de palabras regulares, irregulares y pseudopalabras, y segmentación de frases. Los resultados revelan la existencia de una correlación significativa entre el nivel de funcionamiento ejecutivo y el rendimiento lector del alumnado, siendo mayor la influencia del primero cuanto más complejidad revisten los procesos lectores.

MESA 10

Contextos Sociais e Desenvolvimento – Problemáticas do Idoso

Comunicação 1 – Comunidades Criativas

Raquel Filipa Santos Mateus, Estúdio de Criatividade – Coimbra

Resumo:

O envelhecimento é um processo de declínio progressivo e diferencial, que ocorre de forma única em cada indivíduo, apresentando elementos concretos, tais como, a deterioração física ou dificuldades cognitivas, e elementos complexos, pela perspectiva que cada idoso tem do seu próprio envelhecimento. A perspectiva acerca deste conceito sofreu, ao longo dos tempos, alterações significativas: de um ancião sábio, símbolo de experiência e respeito, a um velho frágil, improdutivo e dependente (Correia, 2007). As estatísticas indicam que em 2050, Portugal será um país envelhecido. Mas apesar das previsões, o investimento português em serviços sociais e de saúde dirigidos aos idosos é o mais baixo dos 25 países da OCDE. Perante este cenário, os idosos sentem-se “estranhos” no seu próprio mundo e isolam-se cada vez mais. Face a esta perspectiva, é necessário a sociedade traçar políticas educativas que permitam aos indivíduos envelhecer de forma

saudável, autónoma, activa e plenamente integrada. Através de uma intervenção personalizada e multifacetada, propomos fazer algo em concreto com a pessoa idosa, para ela e por ela. Desta forma, estaremos a contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade ao longo da vida, através da implementação de actividades diversificadas que promovem a criatividade, o desenvolvimento pessoal e social e a participação activa do indivíduo.

Comunicação 2 – A auto-percepção sobre o envelhecimento

Maria João Beja & Maria da Glória Franco, Universidade da Madeira

Resumo:

O crescimento acentuado da população idosa veio confrontar-nos a todos e a cada um com o processo de envelhecimento de si próprio e dos outros. A auto-percepção do envelhecimento apresenta relação com a saúde física e psicológica, amplamente documentados em diversos estudos quantitativos e qualitativos, e relação com adopção de comportamentos promotores de saúde e estratégias de coping. Esta auto-percepção pode ser mudada para promover a própria saúde física e psicológica ao longo do processo pessoal do envelhecer e para enquadrar a intervenção dos técnicos junto aos idosos. Dada a importância deste conceito, foi realizado um estudo de adaptação do Aging Perceptions Questionnaire (APQ) de Barker, O'Hanlon, McGee, Hickey & Conroy (2007), com autorização expressa dos resultados. Os resultados revelam boa consistência interna e uma estrutura factorial semelhante ao estudo original.

Comunicação 3 – Prestação informal de cuidados a idosos dependentes: gestão emocional dos cuidadores

Sílvia Torres*, Nilza Costa*, Wilson Abreu**, Dayse Nery de Souza, Helena Teixeira *

*Universidade de Aveiro, **Escola Superior de Enfermagem do Porto;

Resumo:

O envelhecimento da população portuguesa apresenta-se como um verdadeiro desafio social, económico e político. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, até 2050 haverá um crescimento da população idosa portuguesa em cerca de 28%. A população acima dos 65 anos representava em 2001 16,5% e em 2009 já representava 17,9% ultrapassando a média da UE25 (16,5%). A perda de autonomia caracteriza este grupo populacional, verificando-se um aumento da dependência no autocuidado e, por esta razão, o idoso começa a ser assistido por outros indivíduos. Para que essa assistência aos indivíduos possuidores de alguma dependência física ou mental ocorra é imprescindível que se encontrem pessoas que ajudem nos cuidados - assim surge o cuidador informal. Esta personagem, que sempre existiu, visa assegurar uma boa qualidade de vida mesmo que o nível de dependência aumente. Os profissionais de saúde devem dedicar atenção às necessidades físicas e emocionais destes cuidadores, pois o quotidiano destes é violentamente distorcido, interferindo na sua vida social, laboral, pessoal e psicológica. Este trabalho tem como objetivo compreender de que forma o perfil das necessidades, o grau de satisfação / insatisfação decorrentes da prestação de cuidados influenciam eventuais alterações a nível das emoções básicas no cuidador informal. Assim aplicou-se a escala COPE-CUIDE para caracterizar os cuidadores de idosos e o Questionário de Avaliação das Emoções (QAE) de forma a analisar a frequência das emoções básicas despoletadas da experiência do cuidar. Foram selecionados 88 cuidadores informais de idosos da USF "Ao encontro da saúde", localizada em São Romão Coronado – Trofa, Porto. Os dados foram analisados no programa estatístico SPSS 18.0. Os resultados do COPE-CUIDE permitem concluir que os cuidadores informais são maioritariamente do sexo feminino, casados, têm 44 anos ou mais, possuem o ensino primário, prestam cuidados a mais de 120 horas por semana, consideram a saúde razoável e fraca, sentem satisfação pessoal ao cuidar, sentem-se valorizados enquanto prestadores de cuidados, consideram que a prestação de cuidados tem efeito negativo no bem-estar emocional e sentem-se suficientemente apoiados no papel de cuidadores. Os resultados obtidos no QAE revelam que as emoções primárias referidas com mais frequência foram a alegria e o interesse como emoções positivas e a tristeza e a angústia como negativas.

Comunicação 4 – A perspetiva do idoso sobre a qualidade de vida - Envelhecimento bem sucedido

Carina Pereira, Cristiana Assunção, Joana Pires & Ana Almeida

Universidade do Algarve

Resumo:

O acréscimo do número de idosos, nas últimas décadas, tem levado a um aumento significativo do envelhecimento da população. Para promover a qualidade de vida nesta faixa etária torna-se premente explorar em que consiste o envelhecimento bem sucedido. Costa (2003) refere que o envelhecimento bem sucedido se alicerça num equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do idoso e naquilo que o torna capaz de controlar as tensões e as perdas associadas à sua progressão desenvolvimental e temporal (Custódio, 2008). Neste sentido, o principal objetivo deste estudo consiste em compreender a perspetiva do idoso acerca da sua própria velhice, mais concretamente perceber como este percebe a sua qualidade de vida, bem como os fatores que poderão promovê-la. Participaram neste estudo 30 idosos da Santa Casa da Misericórdia, com média de 82,5 anos (DP = 7,655). Na recolha de dados utilizou-se o instrumento IQVI – Índice de Qualidade de Vida do Idoso (Paschoal, 2004). Verificou-se que, atualmente, os idosos gostariam de ter aproximadamente 31 anos. Estes acreditam na possibilidade de ter uma boa qualidade de vida e a maioria considera-a satisfatória. Afirmam que a saúde, o suporte social e a religião são imprescindíveis para uma boa qualidade de vida. Os seus maiores medos são falta de

saúde, medo de morrer e ficar acamado. As implicações práticas enquadram-se na mudança de atitudes face ao envelhecimento, na promoção de novas estratégias e adequação de comportamentos sociais que garantam um envelhecimento bem sucedido, com qualidade de vida.

MESA 11
Educação de Infância

Comunicação 1 – Avaliação das dimensões contextuais: qualidade em educação de infância

Sofia Andrade & Paula Santos

Departamento de Educação, Universidade de Aveiro

Resumo:

O projeto de investigação visa contribuir para a rentabilização dos recursos educativos para a promoção da qualidade na creche e no jardim de infância, de crianças em acolhimento institucional. Este estudo teve como objetivo avaliar a importância das dimensões contextuais em educação de infância, nomeadamente ao nível da oferta educativa, clima de grupo, espaço para iniciativa, organização e estilo do adulto. Portanto, pretende-se também analisar as competências, necessidades e interesses das crianças envolvidas no estudo, desenvolvendo iniciativas e ações no sentido de responder às suas necessidades. Em ambos os contextos procedemos à avaliação das dimensões contextuais e procedemos a várias ações e iniciativas para a melhoria da qualidade na creche e no jardim de infância. Os resultados apontam para diferenças nos contextos referidos. Os dados mostram que a creche precisa de atender a melhorias significativas no sentido de atender às necessidades das crianças, no que concerne ao contacto afetivo e caloroso do adulto, sensibilidade do adulto ao bem-estar e implicação das crianças, interações positivas... Ao nível do jardim de infância, este sofreu uma evolução enriquecedora ao nível da sensibilidade, autonomia e estimulação.

Comunicação 2 – O dia-a-dia do Educador de Infância em contexto hospitalar

Emília Maria Serrão & Carolina Carvalho

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Resumo:

As investigações focalizadas na criança e na família durante um internamento hospitalar esquecem o educador de infância enquanto elemento crucial da equipa multidisciplinar no contexto hospitalar. Esta realidade acontece em Portugal como em outros países. Assim, com esta comunicação, que faz parte de um estudo mais amplo, pretende-se dar a conhecer as práticas pedagógicas dos educadores de infância na promoção do bem-estar e no desenvolvimento da criança internada num Serviço de Pediatria de um hospital na Região Autónoma da Madeira. Participam neste estudo as três educadoras que trabalham na equipa multidisciplinar, recorrendo-se à observação das suas rotinas no Hospital de Dia, nas Enfermarias e na Sala de Atividades. Em função dos dados da observação recolhidos e analisados constata-se, na planificação e na concretização das atividades pelas educadoras, as estratégias para promover a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento das crianças no ambiente hospitalar. Destaca-se o papel de diferentes tipos de jogos como atividade privilegiada no dia-a-dia das educadoras e das crianças internadas, quer pelas muitas potencialidades lúdicas que encerra, quer pela flexibilização das interações que possibilita atendendo às diferentes idades e patologias das crianças bem como por permitir que os pais ou outros adultos também possam ser envolvidos na situação. Este tipo de atividades desenvolvidas pelas educadoras ocupa um lugar de destaque na planificação que realizam, atendendo sempre aos diferentes contextos do Serviço de Pediatria, às crianças que nele se encontram e ao período de tempo que o internamento obriga.

Comunicação 3 – O perigo da segurança – Estudo acerca das perceções de risco no brincar num grupo de educadoras de infância

Gabriela Portugal Bento & Ana Cristina Almeida

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra,

Resumo:

O risco no brincar pode ser considerado como um importante fator de desenvolvimento, na medida em que oferece diversas oportunidades de conhecimento e de exploração de competências individuais. Atualmente, as vivências de risco e de aventura na infância estão a diminuir, sendo o dia-a-dia dos mais novos cada vez mais preenchido por atividades estruturadas, que decorrem em espaços fechados, longe da Natureza. Os adultos que rodeiam as crianças têm uma influência significativa no tipo de experiências a que estas têm acesso, podendo ser promotores ou inibidores de atividades que envolvem a exploração dos espaços exteriores e as experiências de risco no brincar. Neste sentido, adultos que reconheçam a importância do risco para um desenvolvimento equilibrado da criança, estarão mais receptivos a vivências deste tipo, gerindo com menor ansiedade situações que envolvem risco, desafio e aventura. Através de um estudo exploratório, procurou-se perceber de que forma é que um grupo de educadoras de infância percebe e atua face ao risco no

brincar, almejando obter pistas para a intervenção nesta área. Com base nas categorias de risco de Sandseter (2007), construiu-se um guião de entrevista semiestruturado, articulado com 18 imagens representativas de experiências de risco. Através de uma análise qualitativa utilizando o software WebQDA, as opiniões das educadoras foram analisadas, procurando-se perceber quais as situações que envolvem mais risco (1), qual o papel do adulto no confronto com o risco (2) e como é que é compreendida a influência do risco no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças (3).

Comunicação 4 - Representações da morte: um estudo com educadores de infância

Ana Paula Clemente Sena, Escola Superior de Educação Jean Piaget Almada

Resumo:

Falar da morte, bem como do morrer, remetem para a construção plena do significado da vida. Modela portanto o sentido das nossas vivências assim como das relações sociais. Atualmente o contexto sócio cultural em que a morte é apresentada, exige que, do ponto de vista educativo, este tema seja abordado e enquadrado na escola numa perspectiva multidisciplinar e globalizante de forma a ajudar as crianças a enfrentarem os seus medos face à morte e ao desconhecido. Assim sendo, os profissionais de educação no geral e os educadores de infância em particular têm de estar preparados para a abordar. Esta comunicação pretende clarificar algumas questões relacionadas com a problemática da morte, concretamente a questão subjacente ao presente trabalho é qual as representações que os educadores de infância têm sobre a morte. Pretende-se ainda fazer uma caracterização dessas mesmas representações. Foram aplicadas Escalas Breves sobre Diversas Perspectivas da Morte, (Oliveira & Neto 2004), a todos os educadores do concelho de Almada, num total de 220 sujeitos, que nos possibilitou construir um quadro bastante abrangente de representações destes profissionais de educação. Concluiu-se que as dimensões que as escalas permitem avaliar e que mais se evidenciam se apresentam pela seguinte ordem: morte como desconhecido, fim natural, vida além, coragem, fracasso, sofrimento, abandono com culpabilização e por fim a indiferença. Verificamos também a existência de correlações bastante interessantes entre as diferentes dimensões, as quais por sua vez, também se correlacionam de forma diferenciada em função da faixa etária. Com base nestes resultados discutem-se as necessidades formativas deste grupo profissional nesta área de estudo.

MESA 12

Motivação Ensino e Aprendizagem

Comunicação 1 – Motivação dos alunos na Aprendizagem da Matemática

Vera Monteiro, Lourdes Mata & Francisco Peixoto
ISPA-Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

Com base na Teoria da Autodeterminação a literatura mais recente sobre a motivação em contexto escolar refere que a motivação intrínseca tem um impacto positivo no rendimento académico dos estudantes e está intimamente ligada à forma como os alunos pensam, sentem e agem em contexto escolar. Esta apresentação tem como objetivo caracterizar os perfis motivacionais para a matemática dos alunos portugueses do 5º ao 12º ano de escolaridade. É ainda propósito desta apresentação analisar as relações entre motivação intrínseca para a matemática, o género, o desempenho académico e o suporte social do professor e dos colegas. Os autores utilizaram uma adaptação para a população portuguesa do Intrinsic Motivational Inventory (IMI) de Deci e Ryan, como instrumento de avaliação da motivação para a Matemática. Os resultados encontrados revelam que os níveis de motivação intrínseca para a matemática dos estudantes portugueses situam-se à volta do ponto médio, verificando-se que os rapazes apresentam níveis de motivação mais elevados do que as raparigas. Constata-se também que os alunos com níveis mais elevados de motivação intrínseca apresentam um rendimento académico mais elevado em matemática. Uma variável que se verificou importante, do contexto de sala de aula, e que muito se relaciona com a motivação é a perceção que os alunos têm do suporte que os professores lhes dão.

Comunicação 2 – Fatores pessoais e contextuais nos percursos de elevado e baixo rendimento na disciplina de Matemática: alunos de 9.ºano em discurso direto

Ana Salgado*, Pedro Rosário*, Carina Guimarães**

*Escola de Psicologia, Universidade do Minho, **Departamento de Psicologia e Educação, Beira Interior

Resumo:

O rendimento académico é uma preocupação de educadores e investigadores, colocando grande pressão nos alunos, professores e escolas e no sistema educativo em geral. Dados recentes indicam que Portugal enfrenta grandes desafios educativos, sobretudo na disciplina de Matemática. Com base no referencial sociocognitivo da aprendizagem auto-regulada este estudo, inserido num projeto mais amplo, pretende contribuir para a compreensão aprofundada e holística deste fenómeno, investigando os fatores pessoais e contextuais (sociais e pedagógicos) que a literatura aponta como elementos-chave no processo de aprendizagem. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, em três momentos distintos ao longo

de um ano letivo, a dois grupos de alunos, um com um percurso de elevado rendimento e outro com um percurso de baixo rendimento na disciplina de Matemática no final do 3.º ciclo do Ensino Básico. Cada um dos grupos era constituído por 10 participantes. Com o suporte do NVivo 8, analisaram-se as perceções destes alunos acerca das influências das variáveis no seu percurso escolar. Em consonância com a literatura os resultados mostram semelhanças e diferenças entre os dois grupos que refletem a complexidade dos fatores relacionados com o (in)sucesso académico. Os alunos de elevado rendimento descrevem com mais detalhe as competências auto-regulatórias e os métodos de ensino dos professores de Matemática. Os alunos de baixo rendimento com percursos marcados por dificuldades formulam objetivos vagos, centrados na transição, com mais atribuições externas. Ambos os grupos refletem mais acerca dos fatores que pertencem aos domínios pessoal e social. Serão ainda discutidas implicações para a prática educativa.

Comunicação 3 – Análise de perfis de objetivos de realização e sociais em contexto escolar

Marina S. Lemos*, Teresa Gonçalves**, Markku Niemivirta***

*Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, **Escola Superior de Viana do Castelo, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, ***Institute of Behavioural Sciences, University of Helsinki, Finland

Resumo:

Inicialmente, no âmbito do modelo motivacional dos objetivos de realização apenas dois objetivos foram considerados - objetivos de mestria e objetivos de desempenho - sendo concebidos como extremos opostos de uma única dimensão. Recentemente avanços na investigação e conceptualização levaram ao desenvolvimento de uma perspectiva de objetivos múltiplos. Com efeito, Elliot e Harackiewicz (1996) propuseram um modelo mais complexo das dimensões dos objetivos de realização dividindo cada um deles em duas componentes: aproximação e evitamento. Para além disso, a investigação sugeriu que os objetivos de mestria e de desempenho são ortogonais e não unidimensionais (e.g., Pintrich, 2000; Wolters et al., 1996). Finalmente, o pressuposto de que ops estudantes tipicamente perseguem vários objetivos nos contextos educativos foi alargado para incluir não só vários objetivos de realização, mas também objetivos sociais dos estudantes (Anderman, Patrick, & Ryan, 2004; Wentzel, 1992). Contudo, esta perspectiva de objetivos múltiplos tem-se centrado na análise dos efeitos das interações de diferentes objetivos (abordagem centrada na variável). Alguns estudos examinaram combinações de objetivos do mesmo indivíduo (abordagem centrada na pessoa), mas circunscrevendo-se à análise de padrões pré-definidos (técnicas de divisão pela mediana) de apenas dois tipos de objetivos de realização (geralmente, objetivos de mestria e de desempenho-aproximação). O presente estudo contribui para a investigação sobre objetivos múltiplos ao analisar simultaneamente vários objetivos de realização e sociais dos estudantes, e ao adotar uma abordagem emergente, centrada na pessoa, para examinar como os vários tipos de objetivos se combinam em perfis motivacionais distintos. Assim, realizou-se uma análise de perfis (latent profile analysis) de vários objetivos de realização dos estudantes - objetivos de mestria, de desempenho-aproximação e de desempenho-evitamento - e vários objetivos sociais - objetivos pró-sociais e responsabilidade social. Os resultados revelaram seis perfis de objetivos significativamente distintos que representam não apenas diferenças quantitativas nos objetivos dos estudantes, mas também combinações qualitativamente diferentes na importância relativa dos vários objetivos constituintes dos perfis. A inclusão de objetivos sociais permitiu uma nova e mais diferenciada compreensão dos perfis de objetivos dos estudantes, nomeadamente sugerindo diferentes vias para a realização escolar.

Comunicação 4 – A motivação para o envolvimento em atividades de voluntariado segundo as abordagens funcionalista e de autodeterminação.

Cátia Martins*, Saul Neves de Jesus*, José Tomás da Silva**

*Universidade do Algarve, **Universidade de Coimbra

Resumo:

O voluntariado é um fenómeno que cada vez mais tem vindo a suscitar o interesse por parte de investigadores. Define-se enquanto comportamento não obrigatório, sujeito a uma planificação, mantido ao longo do tempo, sem expectativa de recompensa monetária, que beneficia outros não íntimos e que pode ocorrer dentro de um contexto organizacional. Embora seja considerado como uma forma de ajuda a outros, reveste-se de características mais “intrínsecas” para os indivíduos voluntários do que o altruísmo, nomeadamente no que concerne às recompensas para o ator (e.g., promoção do bem-estar e satisfação psicológica), mas principalmente ao nível dos custos que se encontram associados para os voluntários (e.g. esforço, dispêndio de tempo). O objetivo deste trabalho prende-se com a caracterização de dois modelos distintos que têm sido utilizados no estudo do fenómeno do voluntariado: a teoria funcionalista de motivação para o voluntariado e a teoria da auto-determinação. A primeira defende que os indivíduos envolvem-se em determinadas atividades de forma propositada, para cumprir objetivos, e que a sua realização serve diferentes funções psicológicas (i.e., funções social, carreira, valores, autoestima, proteção do ego e experiência) (Clary et al., 1998). A Teoria da Auto-Determinação (Deci & Ryan, 1985, 1991) tem sido aplicada relacionando o voluntariado com a orientação para a autonomia (dos indivíduos e proporcionada pelo contexto), a satisfação das necessidades psicológicas básicas e o estilo regulatório. Desta forma, pretende-se proporcionar um momento de reflexão investigativa e de intervenção prática relativamente às motivações que envolvem o voluntariado, considerando os contextos vocacionais e organizacionais.

MESA 13

Modelos de Intervenção Educativa

Comunicação 1 – A interligação de modelos pedagógicos: Gentle Teaching e o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano

Miguel Mata Pereira, Associação Quita Essência

Resumo:

A implementação do modelo ecológico do desenvolvimento humano (Brofenbrenner, 1979) permite enquadrar os alunos da Associação QE numa perspetiva bio-psico-social, de acordo com a qual os contextos de interação social e de criação de redes de suporte social assumem um papel determinante. O Gentle Teaching (McGee, Menolascino, Dobbs, & Menousek, 1987), enquanto modelo relacional, promove a intersubjetividade, indo ao encontro das necessidades básicas de segurança, afeto e confiança em si e nos outros. Como modelo de intervenção, baseia-se na criação de relações de vinculação individualizadas, protótipo de novas relações sanígenas, securizantes e estruturantes. É a partir destas novas relações totipotenciais que é possível devolver, na forma reabilitada, a perspetiva da socialização através dos diversos contextos de vida de cada aluno e suas respetivas aprendizagens. Na Associação QE, a individualização dos projetos pedagógicos é imbuída de uma matriz social permanente, quer se trate do grupo de pares, quer se trate das relações entre alunos e educadores ou entre alunos e suas famílias. O processo pedagógico assim constituído pretende promover, em comunidade de aprendentes, a máxima autonomia para cada aluno, independentemente das suas necessidades educativas e do seu nível de apoio. A intervenção pedagógica assume assim um carácter psico-educativo, implicando não só os alunos no seu próprio desenvolvimento como também os outros que consigo interagem nos diferentes contextos.

Comunicação 2 – "Outdoor training como metodologia para potenciar a inteligência emocional nas crianças e jovens"

Mário Alberto Lages Fortes da Silva Santos
Universidade de Malaga

Resumo:

Numa época em que o "Talento" é a palavra-chave em qualquer tipo de organização e instituição, apoiados numa mudança de mentalidade, coincidente com a entrada no século XXI, e em investigadores que começam a por em causa o QI (coeficiente de inteligência), como factor predominante para que se alcance o êxito social e profissional, passando a defender o QE (coeficiente emocional), defendendo o seu trabalho em crianças e jovens, para dotá-los de competências diferenciadoras no desenvolvimento do indivíduo, e assim possamos desenvolver "Talentos". Neste trabalho pretendeu-se avaliar a metodologia do Outdoor Training, trabalhado no Futebol, mais propriamente numa escola de futebol, com o intuito de testar se esta metodologia, muito utilizada por consultoras para trabalhar as competências emocionais e sociais de empresários, é também válida para trabalhar competências de crianças e jovens, desenvolvendo assim a sua inteligência emocional. Para tal optou-se por um estudo experimental, que incluiu dois grupos de 30 crianças, num total de 60, funcionando um como grupo experimental e outro como grupo controlo. Eram alunos do Manchester United Soccer Schools. Lisboa, Portugal. Para a avaliação da inteligência emocional utilizou-se o Bar On Emotional Quotient Inventory: Youth Version (2000) Os dados encontrados apontam para a evidência de melhorias nas competências emocional de adaptabilidade, relações interpessoais, intra-pessoais (impressão positiva) intra-pessoal (expressão das emoções), Gestão do stress.

Comunicação 3 – A Mediação e a construção de novos contextos educativos

Marília Evangelina Sota Favinha
Universidade de Évora Departamento de Pedagogia e Educação

Resumo:

Na educação, como em qualquer ciência humana, existem diferenças e igualdades. E todos os problemas que aí se apresentam devem de ser colocados numa perspetiva de colaboração/parceria e diálogo, pondo em evidência os problemas, mas também as respectivas alternativas de resolução, num quadro articulado de compreensão/valorização dessas diferenças. É nesta perspetiva que nos propomos apresentar esta comunicação, partindo de uma reflexão profunda e sustentada bibliograficamente, sobre os efeitos educativos/formativos da estratégia da Mediação, seja ela implementada entre ou inter pares. É comum pensar-se na Mediação como uma técnica aplicada em variadíssimos contextos, sempre com o intuito final da mais viável e positiva resolução de conflitos. É também neste sentido que se deve conceber a sua aplicação no campo da Educação. Na Escola o Diretor de Turma pode assumir um importante papel no desenvolvimento desta nova perspetiva. Nesse sentido, seria o dinamizador, por excelência, das estratégias de Mediação: na relação com os alunos; na relação com o corpo docente; na relação com os órgãos de gestão ou com os Encarregados de Educação. Relativamente às vantagens da Mediação, podemos apontar a gestão melhorada dos conflitos (prevenção e redução de sanções e de processos disciplinares); uma maior motivação para a frequência da escola e, conseqüentemente, uma aprendizagem com maior sucesso e a promoção de um crescimento socialmente comprometido.

Comunicação 4 – Grupos Balint-Educação: construir pontes para o modificável

Maria Teresa Casanova Sá, Escola Superior de Educação de Santarém

Resumo:

São muitas as crianças, jovens (e famílias) que chegam à escola com sentimentos de fragilidade, vulnerabilidade e fratura, que se expressam silenciosamente ou ruidosamente em formas de não-adesão escolar, insucessos, indisciplina e recusa de comunicação, criando no quotidiano escolar difíceis problemas aos professores, exigindo-lhes para além de funções de transmissão e instrução, funções de enquadramento, contensão, orientação e escuta, a fim de encontrar respostas e mediações pedagógicas adequadas. Entre a formação inicial e contínua e as situações a que são chamados a responder, o fosso tem-se tornado tal, que se tornam cada vez mais indispensáveis tempos e lugares em que os professores se possam debruçar sobre as dificuldades que sentem, construir mediações, ambientes e alianças de trabalho com os seus alunos, de diálogo com as famílias e de um efetivo trabalho colaborativo com os colegas. Psicóloga clínica e Formadora de Professores, procuro, nesta comunicação, refletir sobre a experiência de animação de grupos Balint-Educação, método de acompanhamento e análise da prática, que aborda as situações educativas com uma dupla iluminação - pedagógica (trazida pela experiência de professores e educadores) e psicológica/psicanalítica.

**MESA 14
Qualidade e Educação**

Comunicação 1 – Desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade: utopia ou educação de qualidade

Maria Helena Guerra Pratas, ISEC

Resumo:

Esta comunicação analisa alguns normativos, que apontam para um sistema educativo que deve favorecer “o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos” e “contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (LBSE, art. 2º e alínea b do art. 3º). Também o Relatório da Unesco sobre a Educação para o século XXI, aponta 4 pilares da Educação, entendida como uma tarefa global a realizar ao longo da vida. Estes pilares são, como é sabido: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser” (Delors, 1996: 77). Embora a legislação e as orientações educativas tenham como objectivo o desenvolvimento integral da pessoa e uma educação de qualidade, - independentemente do contexto - na realidade, como salienta Fernandez (2001) – apesar das boas intenções, enunciadas nos projectos educativos - é duvidoso que esse objectivo corresponda a um plano homogéneo, bem estruturado, por parte da grande maioria das escolas. Reflecte-se criticamente sobre os objectivos enunciados, salientando lacunas evidentes: uma formação intelectual fragmentária, a educação da vontade frequentemente ignorada (Marina e Pujals, 1988), a educação ética quase ausente, a educação da afectividade e da liberdade deixadas à deriva.

Comunicação 2 – Desenvolver relações positivas com os alunos: o caminho para a cooperação e o sucesso académico

Maria de Lurdes Reis Moreira & Marília Evangelina Sota Favinha

Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação/CIEP

Resumo:

A relação entre o professor/educador e os seus alunos constitui um dos fatores mais fundamentais do processo de ensino/aprendizagem. Se os processos cognitivos, didáticos e metodológicos são determinantes em qualquer situação educativa, e longamente estudados, procurando-se compreender quais as melhores abordagens, quais as estratégias e metodologias que poderão gerar melhores sucessos académicos, a relação que o professor estabelece com a sua turma, e com cada um dos seus alunos não é menos importante. Com esta comunicação pretendemos apresentar alguns estudos que têm verificado a importância da relação professor-aluno nos primeiros anos de escola e que mostram que a criança se torna mais segura nas suas relações com os adultos e colegas, mais receptiva e motivada para a aprendizagem, com um melhor comportamento e uma maior realização académica. Isto é verdade para os primeiros anos e para os anos seguintes, tanto no 1º ciclo onde as crianças podem estabelecer uma relação próxima com o professor, como nos ciclos seguintes onde o fato de ter vários professores não diminui a importância do estabelecimento de relações positivas com cada um, mas ainda se torna mais importante, já que têm que gerir várias relações, associadas a diferentes áreas curriculares, diferentes personalidades, num período difícil de desenvolvimento emocional, a pré-adolescência e a adolescência. Para além da sustentação teórica iremos também fazer o relato da nossa experiência de largos anos enquanto orientadoras de estágios na Universidade de Évora.

Comunicação 3 – Relações entre objetivos sociais dos alunos e atitudes face aos pares com necessidades especiais

Teresa Gonçalves* & Marina S. Lemos**

* Instituto Politécnico de Viana do Castelo, ** Universidade do Porto

Resumo:

A educação inclusiva, que assenta na pertença de todos à escola, constitui uma tendência global na educação nos nossos dias. No entanto, a participação social dos alunos com necessidades especiais (NE) é muitas vezes limitada, sendo reconhecido que potenciar a interação social entre alunos com e sem NE constitui um ponto crítico da inclusão educativa. O presente estudo tem como objetivos caracterizar as atitudes dos alunos face aos pares com NE e identificar fatores associados com estas atitudes. A amostra é constituída por 200 alunos do 6º ao 11º anos que frequentam a mesma escola situada no norte de Portugal. Para avaliar as atitudes face aos pares com NE foi administrada a escala CATCH (Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps) de Rosenbaum, Armstrong e King (1984). Os objetivos sociais dos alunos foram avaliados utilizando a Escala de Objetivos Sociais de Wentzel (2000), constituída por uma subescala de responsabilidade social e uma subescala de objetivos prossociais. Os resultados obtidos na escala CATCH permitiram caracterizar as atitudes dos alunos (scores emocional, comportamental, cognitivo e score total) e foram comparados com resultados obtidos em estudos internacionais. As análises de regressão conduzidas exploraram o papel preditor nas atitudes face aos pares com NE de variáveis sociocognitivas (objetivos de responsabilidade social e prossociais) e de variáveis sociodemográficas e de realização escolar. Os resultados são analisados em função das implicações para a promoção de atitudes positivas face aos pares com NE.

Comunicação 4 – O psicólogo educacional em contexto escolar: uma experiência numa escola TEIP

Susana Vilarinho, Escola Secundária de Camarate, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

Resumo:

O objectivo da presente comunicação é clarificar e analisar o papel de uma psicóloga educacional numa escola secundária do distrito de Lisboa, abrangida por um projeto de Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Começamos por apresentar alguns documentos legislativos na área da educação que fazem referência aos Serviços de Psicologia e Orientação e enquadram a intervenção do psicólogo. De seguida, abordamos alguns princípios orientadores da atuação do psicólogo em contexto educativo descritos na literatura (Carita, 1996; Coll, 1996; Love, 2009; Neves & Carvalho, 2002). Por fim, apresentamos alguns dados sobre a experiência no terreno no âmbito de um projeto TEIP. A análise dos dados recolhidos através de entrevistas e questionários revelou que os docentes da escola identificam como área prioritária da intervenção do psicólogo o acompanhamento de alunos com comportamentos desviantes ou considerados em risco (enfatizando a expectativa de uma intervenção individual, direta, remediativa), tendo também apontado a relação escola-família e a orientação escolar e profissional como importantes. A partir dos resultados obtidos, avançamos algumas reflexões, expomos algumas estratégias desenvolvidas, bem como possíveis caminhos a percorrer.

Sessão de Posters 1

Nota: Os posters devem ser colocados antes das 14 horas e a Sessão de encontro com os autores decorrerá das 18h 30m- 19h.

Poster 1

Satisfação das Famílias de Crianças com Necessidades Educativas Especiais em Intervenção Precoce

Inês Correia & Maria Helena Martins
Universidade do Algarve, FCHS

Resumo:

O serviço de Intervenção Precoce na Infância (IPI) envolve consequências diretas para as crianças e para as suas famílias e, como tal, carece de constante atualização (Cruz, Fontes & Carvalho, 2003). Segundo Bailey e Simeonsson (1988) é a avaliação da satisfação das famílias que permite aferir tanto o valor que o apoio tem para estas, como o facto de corresponder ou não às suas necessidades. O presente estudo pretendeu avaliar o grau de satisfação das famílias de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que frequentem escolas de referência para a IPI no Sotavento Algarvio. A amostra é constituída por um total de 150 famílias e 67 prestadores de cuidados. Para avaliar a satisfação familiar recorreu-se à Escala Europeia de Satisfação das Famílias em Intervenção Precoce (ESFIP, adaptada por Cruz, Fontes & Carvalho, 2003). Os resultados gerais demonstram que o índice de satisfação das famílias inquiridas é de 1,25, o que traduz um nível de satisfação “bom”. Verificou-se que a área “Relação Pais Profissionais” (M = 1.72) se destaca com a avaliação mais positiva e a “Localização e ligações dos serviços” com a avaliação mais negativa (M=0.78). Esta análise permitiu perspectivar um conjunto de áreas onde é necessário proceder a algumas alterações, nomeadamente na acessibilidade ao serviço de IPI e no apoio proporcionado mais directamente aos prestadores de cuidados. Uma análise comparativa com outros países europeus revela contudo que o serviço de IPI no sotavento algarvio se enquadra no conjunto de países com um desempenho mais elevado, nomeadamente Suíça e Bélgica.

Poster 2

Literacia familiar: especificidades da variável estatuto sociocultural

Patrícia Pacheco*, Lourdes Mata** & Lúcia Amante***

*Escola Superior de Educação de Torres Novas, UIPCDE, ISPA - Instituto Universitário, UIPCDE, ***Universidade Aberta

Resumo:

No estudo da literacia familiar o estatuto sociocultural surge como uma variável relevante que se relaciona com diversos aspectos, como o ambiente de literacia familiar, a leitura de histórias (Korat et al. 2007), as crenças dos pais (Li & Rao, 2000), as práticas dos pais e recursos (Susperrguy et al., 2007). Segundo Lynch (2007) este tipo de variável aponta para uma diferenciação cultural das famílias que se irá repercutir na escolha e desenvolvimento das suas práticas de literacia, assim como o acesso ao mundo da escrita. Este trabalho propõe como objectivo a exploração e caracterização das crenças, práticas e ambiente de literacia familiar, tendo em conta as especificidades do estatuto sociocultural dos pais. Participaram no estudo 99 pais de estatuto sociocultural baixo e 98 de estatuto sociocultural médio/alto, ambos com filhos a frequentar o último ano do pré-escolar. Na recolha de dados utilizámos dois instrumentos elaborados a partir dos trabalhos de Lynch et al. (2006) e Bingham (2007) que caracterizaram as crenças sobre a aprendizagem da leitura/escrita e a importância do papel dos pais. Utilizámos ainda outro instrumento, adaptado de Mata (2002, 2006) para caracterizar as práticas e o ambiente de literacia familiar. Como resultados principais realçamos: a) ambos os grupos revelaram crenças holísticas e tecnicistas sobre a aprendizagem da leitura e escrita; b) a diferença entre os dois grupos situou-se a nível das crenças tecnicistas, sendo que os pais de estatuto sociocultural baixo apresentaram valores mais elevados; c) ambos os grupos atribuíram relevância ao seu papel a nível da leitura de histórias; d) no ambiente de literacia familiar constatámos que os pais de estatuto sociocultural alto iniciam mais cedo a leitura junto dos filhos e utilizam mais tempo para a leitura e lêem mais histórias, assim como refere ter mais livros em casa e comprar livros com mais regularidade.

Poster 3

PERFIL DE FUNCIONAMENTO EXECUTIVO NA SÍNDROME DE ASPERGER

Soraia Teles & Selene G. Vicente

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Resumo:

As Funções Executivas assumem um papel de supervisão e de auto-regulação da atividade cognitiva, respostas emocionais e comportamento do indivíduo. Défices executivos são centrais em inúmeras perturbações adquiridas e desenvolvimentais, como acontece no caso específico das Perturbações do espectro do Autismo. Com o objetivo de contribuir para a caracterização e diagnóstico diferencial de quadros clínicos associados a défices executivos, investigação recente tem investido no estudo de perfis executivos em populações clínicas. No presente estudo procedeu-se à caracterização do funcionamento executivo numa população infantil com Síndrome de Asperger (N = 15; M = 9.6 anos) e num grupo sem perturbações de desenvolvimento emparelhado nas variáveis sexo, idade e inteligência não-verbal. Os domínios executivos avaliados foram o planeamento, iniciativa, memória de trabalho, flexibilidade cognitiva, auto-monitorização, uso de feedback e regulação emocional. Os resultados sugerem um comprometimento executivo global no grupo clínico, sendo o desempenho significativamente inferior ao do grupo normativo em todas as provas. A capacidade de planeamento (resultado na prova Key Search da bateria BADS-C) funcionou como a melhor preditora do grupo de pertença (clínico vs. não-clínico), sugerindo uma supremacia de défice executivo neste sub-domínio na Síndrome de Asperger. Adicionalmente, o inventário parental DEX-C (bateria BADS-C) revelou-se um bom preditor do grupo de pertença, colocando em destaque a relevância da utilização de instrumentos de avaliação comportamental na caracterização de perfis executivos. Os resultados obtidos serão apresentados e discutidos no contexto de modelos teóricos e dados empíricos recentes, dando particular relevo às implicações a nível educativo na Síndrome de Asperger.

Poster 4

Maus-tratos infantis: ideias e práticas de educadores de infância do ensino regular e do ensino especial

Lizete Tavares* & Carla Peixoto**

*Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo, ** Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo, ESE do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Resumo:

Os profissionais de educação que fazem parte do dia-a-dia de muitas crianças vítimas de maus-tratos desempenham um papel fulcral na prevenção, na deteção e na intervenção rápida e precoce destas situações de forma a minimizar os riscos decorrentes dos maus-tratos (Cid, Machado, & Matos, 2010; Magalhães, 2004). Apesar da relevância do seu papel nesta problemática, pouco se sabe sobre as práticas subjacentes à prevenção e à intervenção dos maus tratos infantis no âmbito dos Programas de Intervenção Precoce em Portugal. Regendo-nos pelos objectivos e princípios da Intervenção Precoce na Infância, pretendemos neste estudo conhecer as ideias e as práticas de educadores de infância do ensino regular e do ensino especial relativamente a crianças em risco ou vítimas de maus-tratos. Os participantes preencheram um questionário constituído por questões de natureza aberta e fechada sobre as suas ideias e as suas práticas relacionadas com

os maus-tratos infantis. Neste poster serão apresentados os principais resultados obtidos, assim como apontadas implicações para a actuação dos educadores de infância no que se refere à prevenção, deteção e intervenção junto de crianças em risco ou vítimas de maus-tratos.

Poster 5

Parentalidade e Emoções no Pré-escolar

Cristina Cruz*, Margarida Pocinho* & Otília Monteiro Fernandes**

* Universidade da Madeira, **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Resumo:

O ser humano manifesta competências inatas, para comunicar com o mundo. As expressões faciais, o choro, os sons, os sorrisos são os primeiros meios de interação com o outro. Ao longo do seu desenvolvimento, ocorrem grandes transformações em diversos domínios. Segundo Cruz (2005), a parentalidade, ao construir-se como uma das etapas mais marcantes e significativas do ciclo vital da família, está em constante desenvolvimento e crescimento, de acordo com a idade dos filhos. A presente comunicação refere-se a uma investigação sobre estes dois pilares, as competências parentais e o conhecimento das emoções em crianças do pré-escolar. A amostra inclui 320 pais ou figuras substitutas que responderam aos seguintes instrumentos: Escala de Avaliação das Competências Parentais para a Idade Pré-Escolar (EACP) (Cruz & Pocinho, 2011) e o Teste de Conhecimento das Emoções para Crianças em Idade Pré-escolar (adaptação portuguesa de Affect Knowledge test Denhan, 1986), sendo este último aplicado às crianças. A EACP tem como objetivo avaliar as cinco fatores ligados às competências parentais: 1) Cuidados parentais e informação, 2) estimulação parental, 3) atitudes negativas, 4) participação activa positiva e 5) expectativas futuras. O teste de conhecimento das emoções tem como objectivo avaliar o nível do desenvolvimento emocional, possível de ser medido através de um dos componentes da competência emocional e do conhecimento das emoções. Os dados mostram que as variáveis em estudo se relacionam entre si, existindo correlações significativas entre os factores da EACP e os resultados do teste do conhecimento das emoções. Em conclusão, adequadas competências parentais influenciam um bom conhecimento das emoções.

Poster 6

Qualidade da Vinculação ao pai e à mãe e auto-estima

Alexandra Pinto, Marília Fernandes, Filipa Silva, Manuela Veríssimo, António J. Santos

ISPA – Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

A teoria da vinculação preconiza que as relações estabelecidas com os cuidadores precoces vão sendo gradualmente organizadas pelos indivíduos, através da criação de representações internas. Essas representações contêm informações sobre as figuras de vinculação, mas também sobre o self, estabelecendo-se, desta forma e desde muito cedo, um sentido geral de auto-estima, em relação com a qualidade da relação estabelecida com as figuras de vinculação. No entanto, são poucos os estudos que procuraram avaliar esta relação em crianças pequenas, sobretudo na forma como este estudo o faz. A nossa amostra foi composta por 51 crianças pré-escolares, recrutadas em escolas da área de Lisboa, avaliadas em dois momentos: aos 3 e aos 5 anos. No primeiro, avaliou-se a qualidade da vinculação ao pai e à mãe, através do Attachment Q-Set (AQS: Waters, 1995), em visitas a casa das crianças, por duas equipas de investigadores independentes, obtendo-se médias de acordos entre-observadores de 0,83 (pai) e de 0,85 (mãe). No segundo, avaliou-se a auto-estima, por recurso ao California Child Q-Set (CCQ: Block & Block, 1980), por investigadores independentes, atingindo-se uma média de acordos inter-observadores de 0,76. Os resultados apontam para a existência de uma relação positiva entre a qualidade da vinculação estabelecida com o pai e a mãe e a auto-estima observada, suportando a existência de relações entre a qualidade da vinculação estabelecida e o sentido geral de auto-estima. No futuro, seria interessante comparar estes resultados, com outras formas de auto-estima, de forma a avaliar a validade cruzada desta medida neste contexto.

Poster 8

Trajatórias delinquentes: causas e consequências. Um estudo com ex-reclusos.

Sandra Cristina Batista Rosa, Faculdade de Motricidade Humana

Resumo:

Abordar os comportamentos das crianças e jovens em risco é atualmente uma das grandes preocupações sociais, sendo que as consequências desse risco as conduz, em última instância, à delinquência e à criminalidade. É comumente aceite que os grupos que maioritariamente transmitem influências socializadoras são a família, os amigos e a escola. O papel crucial que estes agentes desempenham no desenvolvimento global da criança e do adolescente poderão funcionar como fatores de protecção ou como fatores de risco. São assim múltiplos os factores que condicionam e contribuem para percursos de vida mais desviantes que desembocam em situações de reclusão e de exclusão. Um dos objectivos deste estudo qualitativo de carácter exploratório foi o de conhecer e caracterizar o percurso escolar e a trajetória dos sujeitos antecedentes à reclusão, numa amostra de nove ex-reclusos que estiveram com pena privativa de liberdade nos Estabelecimentos Prisionais de Beja, Castelo Branco, Leiria e Sintra. Os testemunhos dos participantes, recolhidos através de entrevista,

sujeitos a análise de conteúdo, dão-nos conta do seu percurso educativo e comportamental, caracterizando-se as trajetórias delinquentes, nomeadamente as razões e contextos de delinquência; o percurso judicial; e os motivos facilitadores de envolvimento no crime. Os dados obtidos permitiram contextualizar e conhecer as trajetórias antecedentes à reclusão, uma vez que o percurso educativo dos ex-reclusos é caracterizado pelo insucesso, absentismo e abandono escolar, que de alguma forma, poderão ter predito os comportamentos de delinquência e criminalidade.

Poster 9

Práticas Educativas Parentais: uma comparação entre Famílias Nucleares e Famílias Monoparentais
Cátia Pereira Garcia, ISPA – Instituto Universitário

Resumo:

As práticas educativas parentais tem uma grande relação no processo de desenvolvimento social, cognitivo e psicológico das crianças, no entanto pouco ainda se sabe sobre as implicações das diferentes configurações familiares no desenvolvimento das crianças. Este estudo teve como objetivo avaliar as eventuais diferenças no comportamento e nas práticas educativas maternas, em função das configurações familiares em que estão inseridas, mais especificamente de ser família monoparental ou família nuclear. Neste trabalho participaram 32 mães, sendo 16 pertencentes a famílias nucleares e 16 a famílias monoparentais e os respetivos filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade (32 crianças). O instrumento utilizado na recolha dos dados foi a entrevista de práticas educativas parentais, que contempla quatro dimensões: Autonomia Apoiada, Estrutura, Afeto e Perceção da Família. Os resultados indicam-nos que na dimensão Autonomia Apoiada, a maioria das mães pertencentes a famílias monoparentais, desempenham estas tarefas sozinhas, enquanto as mães pertencentes a famílias nucleares partilham-nas com os pais dos filhos. Na dimensão Estrutura também foram identificadas algumas diferenças, sendo possível apurar que muitas das mães pertencentes a famílias monoparentais, dão prioridade ao cumprimento de rotinas e que os filhos destas reagem mais frequentemente com zanga face a uma proibição. Na dimensão Perceção da Família verificou-se que muitas mães pertencentes a famílias monoparentais consideram que não estão suficientemente presente na vida dos filhos. Na dimensão Afeto verificou-se um padrão semelhante na relação emocional das duas configurações familiares.

Poster 10

A relação entre o grau de envolvimento paterno e os estilos parentais

Lígia Monteiro*, Bruno Ferreira*, Nuno Torres*, Jordana Cardoso*, Cláudia Freitas**, Manuela Veríssimo*,
*UIPCDE, ISPA_IU, **ISPA-IU

Resumo:

Nos últimos anos os investigadores têm procurado compreender as dinâmicas subjacentes ao envolvimento paterno analisando variáveis quantitativas e, mais recentemente, qualitativas (see Lamb, 2004; 2010). O presente estudo visou analisar em famílias bi-parentais, em que ambos os pais trabalham: 1) o tipo e nível de envolvimento do pai em tarefas relacionadas com as vivências diárias dos seus filhos; 2) Compreender as relações entre o tipo e nível de Envolvimento (quantidade) e os Estilos e práticas paternas como indicador da qualidade desse envolvimento. Participaram no estudo 400 famílias nucleares portuguesas, com crianças a frequentar o ensino pré-escolar. Utilizou-se na recolha de dados 3 instrumentos de auto-relato, preenchidos pela mãe e pai de modo independente. A Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro et al., 2008), analisa a percepção que o pai (ou a mãe) tem acerca da sua participação, relativa, face à mãe (ou pai), na organização e realização de diferentes actividades que ocorrem no dia a dia das famílias. O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Robinson et al., 2001; Ferreira et al., 2011) analisa as percepções que mães e pais têm acerca dos seus estilos e práticas parentais. Os dados serão discutidos no contexto das teorias do envolvimento parental e da importância da análise da quantidade e qualidade do envolvimento paterno.

Poster 11

As estratégias sociais de crianças com incapacidades em contexto pré-escolar: Diferenças em função do perfil de incapacidades

Ana Margarida Fialho, ISPA-IU, Cecília Aguiar, ISPA-IU/ISCTE-IUL

Resumo:

As interações entre pares proporcionam às crianças, em idade pré-escolar, oportunidades e desafios únicos. Para as crianças com incapacidades, que frequentemente exibem níveis baixos de competência social e estão em maior risco de rejeição social, a obtenção, a longo prazo, de objetivos sociais é particularmente difícil e, como tal, informações detalhadas sobre as estratégias comportamentais que as crianças usam para se envolver em tarefas sociais podem ser úteis para investigadores e técnicos. Com o objetivo de avaliar as estratégias sociais específicas que as crianças utilizam para entrar no grupo de pares, para manter o jogo e para resolver conflitos, desenvolvemos a Escala de Avaliação das Estratégias Sociais, baseada nos trabalhos de Guralnick (2003) e Bruder e Chen (2007). Após estudo psicométrico, esta medida parece fornecer dados consistentes sobre duas dimensões conceptualmente relevantes (e.g., Guralnick, 2003): iniciação ativa e manutenção

do jogo, e demonstração de interesse e procura de harmonia. No sentido de analisar as propriedades psicométricas destas dimensões, consideramos pertinente estudar a utilização destas estratégias sociais por crianças com diferentes perfis de incapacidade. Neste trabalho, reportaremos dados baseados numa amostra de 276 crianças com incapacidades, em idade pré-escolar, do distrito de Lisboa. Especificamente, analisaremos as diferenças obtidas por crianças com diferentes perfis de incapacidade (identificados através da análise de clusters) nas dimensões iniciação ativa e manutenção do jogo, e demonstração de interesse e procura de harmonia.

Poster 12

Aceitação Social e Interação Lúdica com os Pares em contexto pré-escolar

Eva Vinagre, Orlando Santos, Nuno Torres, Manuela Veríssimo, António J. Santos
ISPA- Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

O Jogo consiste no principal processo através do qual as crianças comunicam entre si (Coplan & Arbeau, 2009), sendo o primeiro contexto de promoção de interações sociais que permite desenvolver as competências necessárias nesta área (Bredenkamp & Copple, 1997). Diversos estudos evidenciam diferenças na competência social em função da aceitação social em contextos lúdicos, salientando que a forma de brincar pode determinar a aceitação ou rejeição social, o desenvolvimento de amizades e a inserção em sub-grupos afiliativos (Howes, 1983; Ladd et al., 1988; Vaughn & Santos, 2009). É de referir que as crianças em idade pré-escolar revelam progressivamente uma maior preocupação na selecção dos seus pares e amigos nas interações, exibindo respostas diferenciadas através de comportamentos positivos e negativos (Coplan & Arbeau, 2009). O presente estudo tem como objectivo analisar a relação entre a aceitação social e os comportamentos das crianças em actividades lúdicas. Participaram 60 crianças com idades entre os 4 e os 5 anos a frequentar o ensino pré-escolar. Foram aplicados dois instrumentos: a PIPPS – Penn Interactive Peer Play Scale (Fantuzzo et al, 1995), com 3 dimensões: disrupção, desconexão e interação positiva; preenchido pelas educadoras e as medidas sociométricas, obtidas através de entrevistas individuais compostas pelas tarefas de nomeação, escala de apreciação e comparação entre pares, que permite avaliar a aceitação social. Os resultados preliminares apontam para uma correlação positiva entre a aceitação social e a dimensão de interação positiva.

Poster 13

Resiliência, Coesão e Adaptabilidade Familiares após o Divórcio: um estudo sobre Filhos e Pais

Inês Dias & Maria Helena Martins
Universidade do Algarve, FCHS

Resumo:

O ambiente familiar constitui um espaço privilegiado que contribui de forma significativa para o desenvolvimento harmonioso da criança. Proporciona o encontro entre gerações, a transmissão de afetos e valores e constitui uma rede de apoio natural face às diversas tarefas desenvolvimentais e/ou momentos de crise. Neste domínio, o divórcio parental, enquanto momento de stresse e adversidade, pode constituir uma ocasião de oportunidade e/ou risco. Na presença de stresse e adversidade é necessário que a família seja suficientemente flexível para se adaptar às novas circunstâncias. A resiliência, enquanto processo que permite ultrapassar as adversidades, bem como a coesão e adaptabilidade são fatores fundamentais neste processo. A presente investigação integra um estudo correlacional cujo objetivo geral consiste em averiguar e analisar os mecanismos utilizados pelas crianças e jovens na adaptação positiva ao processo de divórcio parental. Este estudo contou com uma amostra não probabilística de 62 participantes (n=31 progenitores; n=31 filhos), que responderam a dois questionários sócio demográficos (uma versão para pais e outra para filhos) e três escalas: a Escala FACES III (Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale), o Inventário MSR (Measuring State Resilience) e a Escala HKRAM (Healthy Kids Resilience Assessment Module). Os resultados sugerem uma associação positiva entre níveis elevados de resiliência parental (resiliência-traço e resiliência-estado) e níveis elevados de coesão e satisfação familiares percebidas pelos progenitores. No caso das crianças e jovens verificou-se a presença de uma associação positiva entre níveis elevados de resiliência (Recursos Internos e Response-set Breakers) e níveis elevados de coesão e adaptabilidade familiar percebidas.

Poster 14

Percepções dos professores face à importância do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos

João Prego* & Lourdes Mata**

* ISPA- Instituto Universitário, ** ISPA-Instituto Universitário, UIPCDE

Resumo:

O estudo examinou as percepções dos professores face à importância do envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos e as percepções dos professores sobre o envolvimento dos pais dos bons alunos e dos alunos fracos. 65 Professores (13 homens e 52 mulheres) do 1º ciclo de algumas escolas da região de Lisboa, participaram no estudo respondendo às questões sobre a importância do envolvimento da família na vida académica dos alunos através do Questionário das Percepções dos Professores face à Importância do Envolvimento dos Pais na Vida Escolar dos Filhos, instrumento que

construímos a partir da literatura sobre o envolvimento dos pais, as percepções dos professores face ao envolvimento dos pais e ainda a partir do Questionário de Envolvimento Parental na Escola-QEPE-VPr (Pereira, Canavarro, Cardoso & Mendonça, 2003) e de Family Involvement Questionnaire-FIQ, (Fantuzzo, Tighe & Childs, 2000). Os resultados, mostram que os professores percebem o envolvimento dos pais como importante para o sucesso escolar dos alunos. No entanto, das três formas de envolvimento analisadas no estudo (envolvimento dos pais em casa, na escola e comunicação com os professores), os resultados revelam que os professores percebem o envolvimento dos pais em casa e sua comunicação com os professores como sendo mais importantes para o sucesso escolar dos alunos do que o envolvimento dos pais na escola. Por outro lado, os professores percebem os pais dos bons alunos como mais envolvidos na vida académica dos alunos do que os pais dos alunos fracos.

Poster 15

Dinâmica Familiar de Crianças com Necessidades Educativas Especiais

Catarina Quitério & Maria Helena Martins

Universidade do Algarve, FCHS

Resumo:

Investigações têm vindo a revelar que algumas famílias apresentam capacidades que lhes permitem adaptar-se de forma a responder eficazmente às exigências e desafios que uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE) representa, enquanto outras parecem deixar-se submergir pelas dificuldades. Efetivamente, a presença de uma criança com NEE pode ter um grande impacto nas interações na família, conduzindo a maiores níveis de stresse, ansiedade e frustração (Costa, 2004). A presente investigação tem como principal objetivo analisar a influência da criança com NEE na dinâmica familiar, tendo sido utilizados um Questionário Sociodemográfico e um Questionário para a Família (adaptado de FENACERCI & AIAS, 2006). Participaram no estudo 36 famílias (n=36), às quais correspondem 36 crianças com NEE (M=6,9 anos; DP=3,137). Os resultados revelam que as famílias despendem a maior parte do seu tempo em atividades que envolvem diretamente os seus filhos, como atividades de reabilitação e de jogo, descurando muitas vezes os vários aspetos da sua vida social. Os resultados revelam também que estas famílias referem sentir níveis de bem-estar mais baixos, quando comparadas com outras famílias, sendo que o stresse e ansiedade são as características que melhor as definem, não obstante procurem sempre que necessitam o apoio da família, constituindo-se esta como a rede de suporte social de eleição. Não se encontram relações significativas entre as variáveis estatuto socioeconómico e stresse, contudo, encontraram-se relações significativas e positivas entre as variáveis estatuto socioeconómico e felicidade destas famílias e associações significativas positivas entre o estatuto socioeconómico e o suporte adicional social recebido.

Poster 16

Colaboração e Envolvimento entre pais de crianças com NEE e profissionais do Jardim de Infância

Stephanie Silva & Maria Helena Martins

Universidade do Algarve; FCHS;

Resumo:

Vários investigadores têm considerado que a relação entre a família e a escola tem um impacto significativo no desenvolvimento da criança e, principalmente no caso de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). De acordo com esta abordagem, os serviços de Intervenção Precoce (I.P.) têm procurado envolver as famílias nas suas intervenções, de modo a se promover uma verdadeira parceria. O presente estudo tem como objetivo analisar a parceria e o envolvimento estabelecido entre Pais e Profissionais de Educação (Educadores de Infância do Ensino Regular e do Apoio Educativo) face ao apoio de crianças com NEE. Para responder ao objetivo referenciado utilizaram-se quatro instrumentos, um questionário sociodemográfico dirigido a pais e profissionais da educação; um inquérito dirigido aos pais e outro aos profissionais de educação sobre a colaboração e o envolvimento; e o Families in Natural Environment Scale of Services Evaluation (FINESSE). A amostra é constituída por 90 sujeitos (N=90), distribuídos por 3 grupos amostrais (30 pais de crianças com NEE, 30 educadores do ensino regular e 30 educadores do apoio educativo). Os resultados demonstram que os pais se encontram envolvidos e colaboram ativamente com o Jardim-de-Infância da criança na educação dos seus filhos com NEE e que consideram importante o seu envolvimento na I.P.. Observou-se também que a prática típica e a prática ideal dos técnicos se aproxima, mas não corresponde exatamente à prática idealmente recomendada em I.P.. Verificou-se que não existem relações significativas entre as variáveis sociodemográficas dos profissionais da educação e a média da prática típica e ideal.

Poster 17

GADIF - GABINETE DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E À FAMÍLIA - UMA RESPOSTA DE QUALIDADE

Sara Figueiredo, Raquel Corval & Isabel Chaves de Almeida

Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC) / Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Infantil e à Família (GADIF)

Resumo:

O GADIF é um projecto de investigação-acção no âmbito da Intervenção Precoce na Infância, iniciado em 2006, no Instituto Superior de Educação e Ciências, em Lisboa. É constituído por uma equipa técnica especializada que oferece,

essencialmente três tipos de serviços: 1) Serviços de apoio à família com crianças até aos 8 anos de idade Apoio às crianças até aos 8 anos, que apresentem alterações no desenvolvimento, e suas famílias. Através da implementação de um plano individualizado de avaliação, aconselhamento e/ou intervenção. Para tal, recorre aos contextos naturais de vida da criança e da família para uma intervenção mais eficaz, articulando com os recursos da comunidade. 2) Serviços de Apoio à Comunidade Apoio à comunidade, nomeadamente a instituições e profissionais da área da Educação e da Saúde, através de: a) Disponibilização de técnicos para intervenção directa com crianças e suas famílias; b) Acções de consultoria a profissionais e de formação a famílias e profissionais 3) Actividades de Investigação & Desenvolvimento Participação em projectos de I & D de forma a aproximar as práticas às evidências e as evidências às práticas. Atualmente decorrem: o “Projecto Práticas inclusivas: uma aposta na formação”, numa colaboração com a Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP), o Frank Porter Graham (FPG) e a Universidade do Porto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG); e o projecto “Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas” em parceria com a ANIP, o Siskin Center for Child and Family Research, Tennessee, USA., e várias Universidades portuguesas.